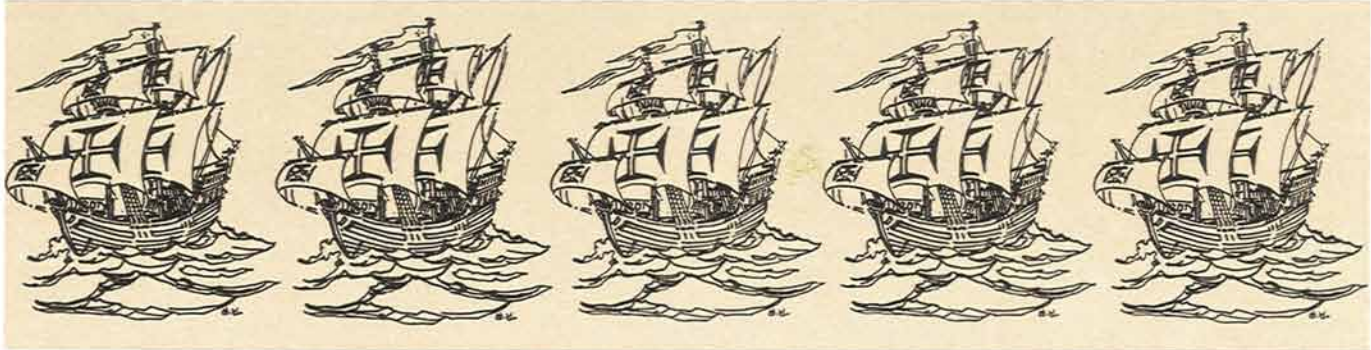
N.º 19 / ABRIL 1973 / ANO II

revista da ARMADA

sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
S. Grade/M. Horta	**Efemérides Navais**	4
S. Elpídio	**Perguntas... Com Cocha** **Respostas... Descochadas**	5
D. Couceiro	**Poema**	5
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** O Surrealismo	6
A. Neves	**Os Tripeiros – Galardão Portuense**	10
S. Machado	**Ultramar** Cubango – *Onde a Marinha está para ficar*	11
S. Elpídio	**Saibam Todos**	13
A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	14
Redacção	**Voz da Abita**	15
Liga para a Protecção da Natureza	**Não Destruamos Inutilmente a Natureza**	16
Redacção	**V Salão Internacional de Fotografia do Mar**	17
M. do Vale	**Conversa entre Marinheiros**	18
G. Brandão	**Filatelia**	23
S. Gaspar	**Os Martelos e a Aranha**	24
P. Caeiro	**Desporto**	25
O. Lemos/S. Elpídio M. Horta	**Curiosidades**	27
S. Elpídio	**Reportagem**	28
S. Machado	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 19 / ABRIL DE 1973 / ANO II

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil
(Via marítima) 26$00

Na capa:

Base Naval – Navios atracados, equipamentos em repouso.
(Foto de A. Fernandes, Fotógrafo do Gab. de Fotog. do E. M. A.)

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

ABRIL, MÊS DA PÁSCOA E DE FLORES

Esta «Nota» é especialmente dedicada a todos os marinheiros em comissão no Ultramar. Também eles vão ter a sua Páscoa, mas bem diferente da nossa...
E como nas cidades mal se dá por isso, são os que nasceram e viveram no campo, como eu, que mais sentem a nostalgia desta época. Tal como me sucedia a mim, quando por aí andava, vocês hão-de recordar certamente...

Os campos cobertos de flores, o chilrear dos passarinhos a anunciar a Primavera, o azul cristalino do céu e o sol quente e brilhante a dizer que o Inverno já passou...
Domingo de Páscoa. Sem saber como nem porquê as pessoas sentem-se alegres e felizes.
Logo de manhã cedo, repicam os sinos da velha igreja matriz. Vai sair o Senhor. O padre veste de branco; o homem que leva a Cruz e o rapaz da caldeirinha da água benta vão de opa vermelha. Juntam-se ao grupo alguns homens com cestos para recolher as dádivas.
Todas as casas estão limpas e enfeitadas – na mesa, sobre a melhor toalha, o folar para o padre, bolos e vinho para todos. Nos portais, nas escadas e nos caminhos de acesso, alecrim, rosmaninho e pétalas de rosas. O ar está perfumado. O moço da água benta vai tocando a campainha. Estoiram foguetes. Toda a família está à porta, de joelhos, para beijar a Cruz. O padre abençoa: «Boas Festas!... Aleluia!... Aleluia!...»

Com.

Efemérides Navais Relativas Ao Mês de Abril

Em 1 de Abril de 1796, foi criada a Academia Real dos Guardas-Marinhas, funcionando no Arsenal de Marinha. Com as invasões francesas foi transferida para o Rio de Janeiro em 1807, ficando o ensino naval em Lisboa a ser ministrado apenas pela Academia Real da Marinha.

Em 4 de Abril de 1807, a fragata «S. João Príncipe» encalha e perde-se em Gibraltar, perecendo mais de 200 homens.

Em 22 de Abril de 1500, Pedro Álvares Cabral descobre o Brasil no decurso da segunda viagem portuguesa à Índia recém-atingida. Segundo relato de Pêro de Caminha: «(...) terça feira d oitavas de pascoa, que foram XXI dias d Abril (...); e aa quarta feira seguinte pela manhaã topamos aves (...) e neste dia a oras de besperas ouvemos vista de tera (...) e aa tera de Vera Cruz.»

Em 28 de Abril de 1716, sai do Tejo uma esquadra comandada pelo conde de Rio Grande, que haveria de bater os turcos na célebre batalha de Matapão.

M. Horta
Sarg.-aj. L

FOI HÁ 40 ANOS...

Aproximava-se o fim do ano de 1932.
De entre as sete dezenas de aspirantes que então frequentavam a Escola Naval, houve um, talvez com mais espírito desportivo e aventureiro, que sugeriu uma viagem Tejo acima. A ideia teve boa aceitação e foi portanto muito fácil reunir 6 voluntários, dando-se, desde logo, início aos treinos.
Como meio de transporte contava-se com a «Guiga Verde», pertencente ao Clube Náutico dos Oficiais e Aspirantes da Armada, cuja sede era no actual edifício do Ministério, ala oeste.
Era um barco de 4 remos, esguio, de tabuado trincado, pesadão, com certo historial. Com efeito, sabia-se que o almirante Afonso Cerqueira e outros oficiais, quando aspirantes, haviam ido nele a Santarém.
Estava agora melhorado, possuindo 4 *sliders* em vez das primitivas bancadas e por ele passavam todos os aspirantes candidatos a remadores.
Além de treinos curtos durante a semana, fez-se nas férias do Natal o percurso Lisboa-Paço de Arcos e no Carnaval, já em 1933, até Vila Franca de Xira, com regresso no dia seguinte. Pernoitou-se numa fragata acostada na margem norte.
Aprazada a viagem para as férias de Páscoa, largou-se da sede do C. N. O. A. A., no dia 5 de Abril, pelas 16 horas.
Constituíam a tripulação os aspirantes Manuel Pereira Crespo, Fernando dos Santos e Silva, Rodrigues Henriques Silveirinha, José Camões Godinho, António Vieira Coelho e José N. Sales Grade, o terceiro e o quarto, infelizmente, já desaparecidos do número dos vivos. Seis tripulantes para 5 postos – 4 remos e leme.
De duas em duas horas substituiam-se dois remadores, indo um para o leme e o outro para a «sorna» na proa.
No 1.º dia ultrapassou-se Vila Franca de Xira e pernoitou-se numa fragata acostada à margem norte, por alturas de Valada do Ribatejo.
Na manhã seguinte, logo que clareou o dia, retomaram-se os remos... Navegou-se todo o dia e à tarde passou-se a ponte de Santarém. Acostámos à margem e dormimos numa pensão da cidade.
No 3.º dia remou-se até ao pôr-do-sol e voltou-se a pernoitar numa fragata.
No dia 8, pelas 18 horas, alcançámos o Rossio de Abrantes. Ficámos principescamente hospedados em casa do major Marques Godinho, pai do aspirante Camões Godinho.
No dia seguinte, de manhã, houve baldeação da guiga, arrumações e um pequeno passeio no rio, para montante, um pouco para lá da ponte, até próximo de Alferrarede. De aí para diante começam a aparecer rápidos e pequenas quedas de água tornando impraticável a navegação.
Em 10 de Abril, iniciava-se o regresso a Lisboa, com pressa, pois havia que aproveitar ainda alguns dias de férias...
Na subida fez-se uma remada comprida e de certo modo lenta para poder vencer a corrente. No regresso, a favor desta, como queríamos manter a mesma velocidade, usou-se uma remada curta e rápida, bastante mais cansativa. E nós a pensar que para baixo todos os santos ajudariam...
Todos voltámos satisfeitos com o passeio e de uma maneira geral, mais leves, como se tivéssemos sido sujeitos a uma cura de emagrecimento (houve um que perdeu 10 quilos!).
Bons tempos...

Sales Grade
Cap.-m.-g. RA

Perguntas... Com Cocha

1 – Apertar o remo é espremê-lo?
2 – Quando o pau de surriola está à pesca que isco usa?
3 – Quando a maré aponta que direcção indica?
4 – Se um navio ou embarcação à vela está a aproveitar o ló, de que vantagens beneficia?
5 – Aquartelar é mandar recolher aos quartéis?
6 – A aranha da camisa faz teia?
7 – A arca da bomba guarda explosivos?
8 – Archote pode ser aceso?
9 – Ardência causa incómodo?
10 – Um navio ardente é fogoso?

Respostas... Descochadas

1 – Apertar o remo é aumentar a cadência da remada acima da cadência normal (cerca de 28 remadas/minuto).
2 – O pau de surriola está à pesca ou «pensativo» quando se encontra disparado e inclinado para baixo; é o contrário de «esperto».
3 – Apontar a maré é o mesmo que começar a subir a maré.
4 – Aproveitar o ló é chegar-se ao vento para melhorar a posição a barlavento.
5 – Aquartelar é alar a sotavento os punhos das escotas das velas de proa ou dos latinos de vante, a fim de obrigar o navio a ceder à manobra que se pretende executar.
6 – A aranha da camisa é um conjunto de linhas em três pernadas, fixo na face de ré de uma vela redonda, com sapatilho e adriça para aguentar o pano no terço quando ferrado e formando camisa.
7 – Designava-se por arca da bomba nos antigos navios de vela o local no fundo cercado por quatro anteparas, por ante a ré do mastro grande, onde se juntavam as águas do porão que as bombas reais esgotavam; servia por vezes de prisão.
8 – Um archote é um chicote de cabo fixo abotoado para a parte desse mesmo cabo que suporta esforço.
9 – A ardência é um fenómeno de luminosidade da água do mar, observado em noites escuras principalmente nas regiões tropicais, devido à presença de certos organismos, animais ou plantas, a maior parte das vezes microscópicos.
10 – Navio ardente é aquele que tem tendência para girar com a proa para o lado do vento.

«Ondas»: óleo de Dias Sanches (Museu de Marinha)

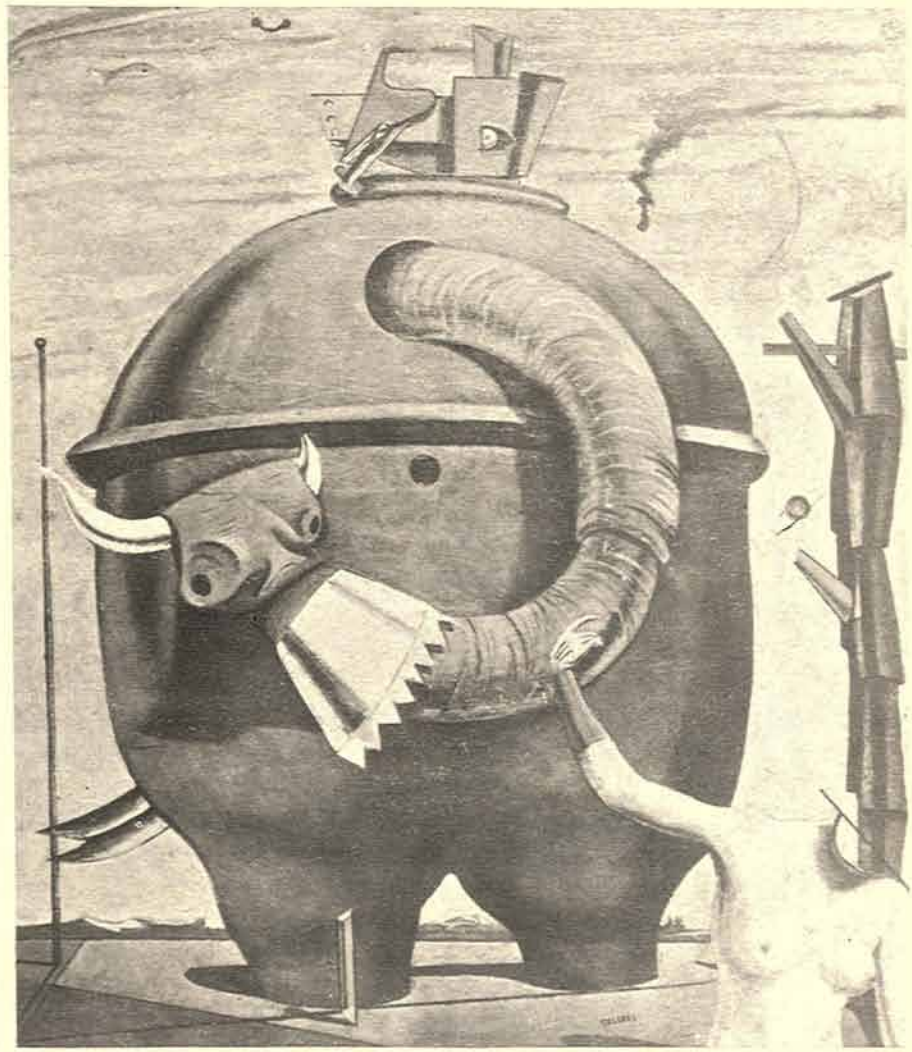
mar
planície ondulada
de ervas risonhas e olhos azuis.
cabelos revoltos.
pensamentos escuros.
imensidão.
floresta licorosa de frutos silvestres.
cabaré degradante de actos funestos.
cemitério d'almas
perdidas por olhos famintos de amor.
lugar escolhido pelo homem perdido
com esperança no nada.
remédio que cura o mal incurável.
cofre que guarda as jóias mais raras
sem guarda real.
estrada de abismos ladeada por lagos
onde jovens vomitam palavras de medo.
jardim colorido em tela oleada,
obra criada por mestre divino
exposta em museu de portas sonhadas,
onde tapetes bordados por mãos delicadas
aguentam os pés de velas içadas.

D. Couceiro
Asp. RN

O Surrealismo

Divulgado entre nós com este nome, o surrealismo teria melhor versão portuguesa através da palavra super-realismo pois o prefixo super nos forneceria, desde logo, uma primeira ideia do significado deste movimento artístico. O galicismo, no entanto, prevaleceu.

Terminada a guerra de 1914-1918, Dada abandona a Suíça e vem instalar-se em Paris. É então mais um movimento intelectual do que uma escola de arte, nascida de uma nova inquietação do espírito. Enveredando por manifestações mais ou menos revolucionárias e anárquicas, embuídas de espírito satírico e cáustico, tentará destruir as ordens moral, política, social e artística estabelecidas. Deste modo acabará por se afundar no dia em que, condenando o próprio espírito, colocar no mesmo pé de igualdade o homem de génio e o idiota. A partir de 1922 os dadaístas separam-se uns dos outros com algum estardalhaço, acusando-se mùtuamente de heresias várias... No entanto, alguns enfileiram na corrente surrealista que, retomando alguns dos temas Dada, os irá tratar de forma construtiva.



«Célèbes» – 1921, por Max Ernst

O surrealismo pretende exprimir um aspecto particular da sensibilidade, pondo a descoberto uma faceta especial do comportamento humano em face da realidade que ele espera, antes de mais, transcender. E, neste pormenor, é sem dúvida um espírito de investigação científica que o anima, pretendendo, através da pintura ou qualquer outra expressão artística, contribuir para o conhecimento de certas formas de sentimento que não podem ser obtidas através da vulgar contemplação do mundo exterior. Portanto, há que ultrapassar a percepção visual e seguir essa outra faculdade de ver – pelo espírito –, espécie de visão interior.

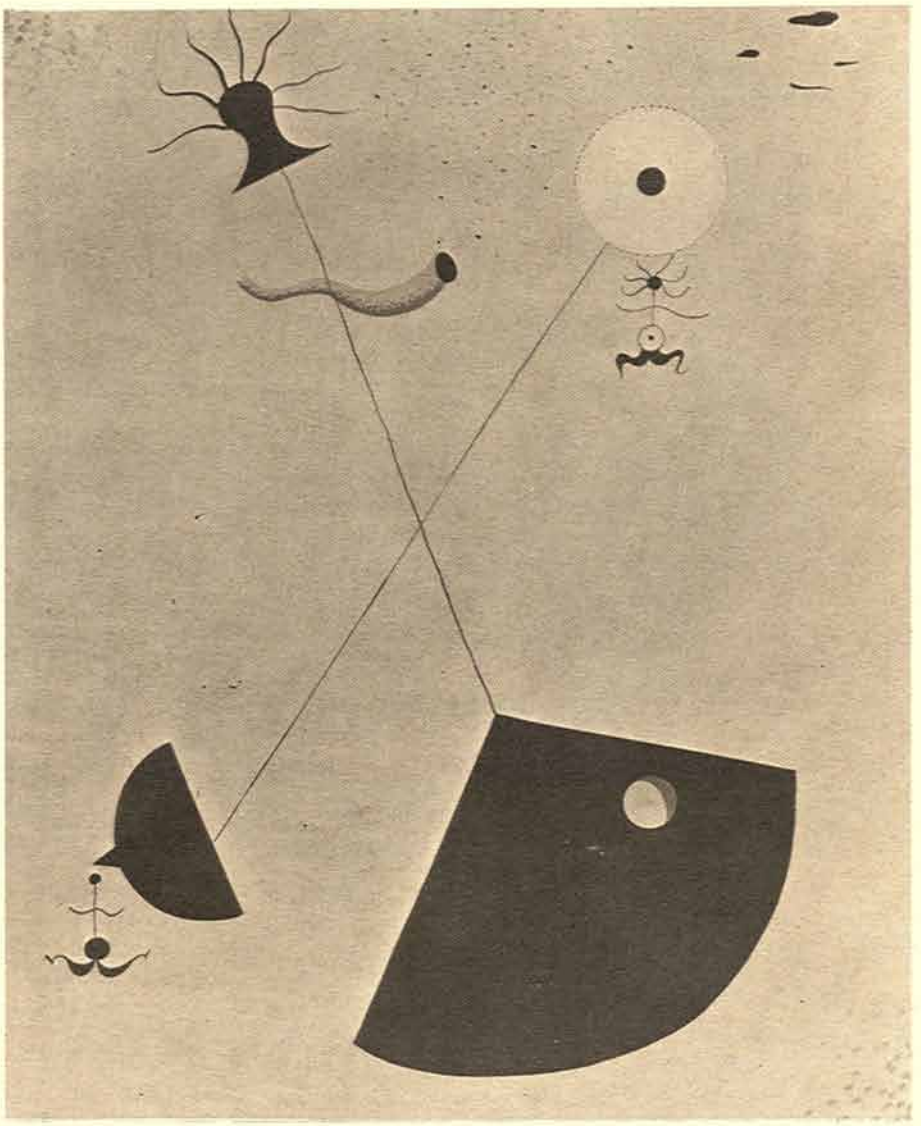
Já os povos primitivos a utilizavam nas suas interpretações mágicas, fabulosas, maravilhosas ou mitológicas. Porém o surrealismo irá mais longe nesta forma de investigação. Estabelecerá mesmo a rotura entre a objectividade realista e as fontes da consciência. E será então no próprio domínio da consciência que se hão-de des-

cobrir os elementos de uma nova realidade, quer deixando-se guiar pela interpretação dos sonhos quer pelas sugestões do subconsciente ou associação de ideias ditadas pelo acaso. Desta forma, o surrealismo não é uma arte para deleite da vista. Exige, pelo contrário, um estudo do eu com vista a descobrir um universo cuja ordem venha substituir a antiga e onde se procurem outras fontes mais autênticas para a razão de viver.

A esta procura não é alheia a poesia, entendida não como espírito poético tradicional mas como lirismo inerente a toda e qualquer invenção. Ideias antagónicas como o passado e o futuro, a vida e a morte, o real e o imaginário, encontram maneira de se fundir numa visão unitária que só ao subconsciente diz respeito. É claro que esta arte cria dificuldades ao espectador porque faz questão de objectivar, através de processos plásticos não tradicionais, estados e realidades subjectivas. Na sua luta contra o racional, os surrealistas lançarão mão de vivências ou percepções que os sonhos, os delírios, as alucinações e até mesmo a loucura lhes possam proporcionar.

Um dos principais mentores do surrealismo foi Max Ernst. Fazendo apelo a personagens imaginárias, procura nas suas telas que os elementos reunidos não tenham qualquer afinidade uns com os outros, provocando assim um desnorteamento sistemático que torna impossível qualquer referenciação realística. Desta forma, exalta a individualidade desses elementos que gera figuras suplementares sem dúvida de maior interioridade que aqueles, revelando assim certos segredos do acaso. É exemplo disso o quadro «Célèbes», onde nem sequer é legítimo procurar saber a razão do nome.

Por seu turno, Joan Miró consagrar-se-á à representação de um universo povoado de sinais cujo sentido se estabelece (como na escrita hieroglífica) em função dos que lhe estão próximos e do significado particular que a sua consciência lhes atribui. Os seus quadros aparecem povoados de pequenos sóis e luas, de mulheres-aves ou mulheres-estrelas, estilizações de insectos e outros elementos familiares da realidade. Manifesta uma predilecção especial pelos símbolos e as alegorias. Não raro os seus quadros incluem uma frase de um poema ou letras de um nome. No quadro «Maternidade» aparecem, ora de frente ora de perfil, a um canto e outro do quadro, o seio da mãe e a criança a que um grafismo delicado confere a necessária continuidade e correlação. Yves Tanguy é um surrealista poeta. Sonda o mistério do infinito dos céus e das profundezas do mar em demanda de segredos de vida insuspeitados. O céu é fonte de miragens e nos abismos há catedrais submersas povoadas de seres embrionários que só têm sentido na poesia do imaginário. O quadro «Às Quatro Horas do Verão, a Esperança» é exemplo disso. Há uma procura de mundos desconhecidos através da intuição de uma realidade futura...



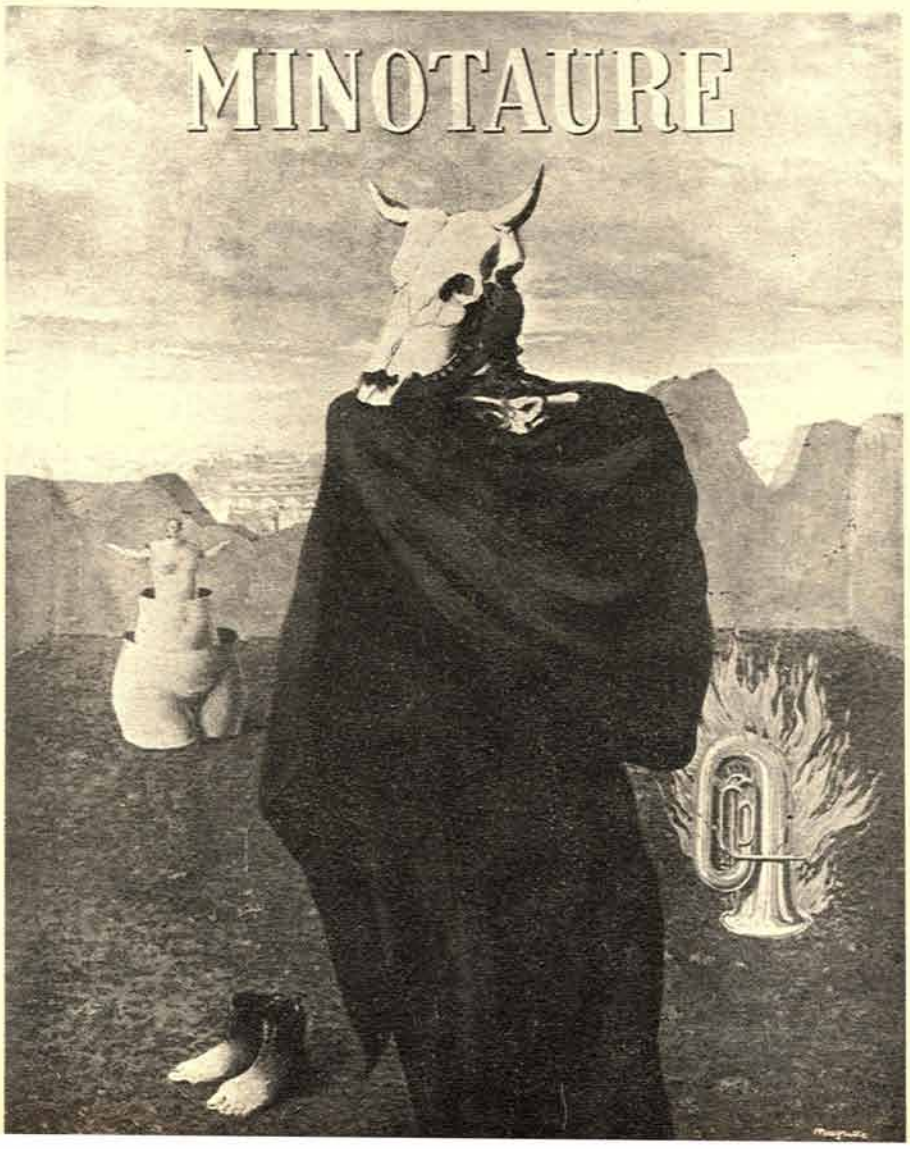
«Maternidade» – 1924, por Joan Miró

E agora, como não podia deixar de ser, temos Salvador Dali. Ninguém como ele para se impor no mundo da arte (e do mundanismo) através de uma realidade sensacionalista. Possuidor de uma técnica fabulosa, poderia pintar como os melhores pintores figurativos. Aliás esse domínio técnico está patente na feitura dos seus quadros surrealistas. As suas figuras e o seu desenho são impecáveis. Desconcertante tanto no seu comportamento como nas suas

«Às Quatro Horas do Verão, a Esperança» – 1929, por Yves Tanguy

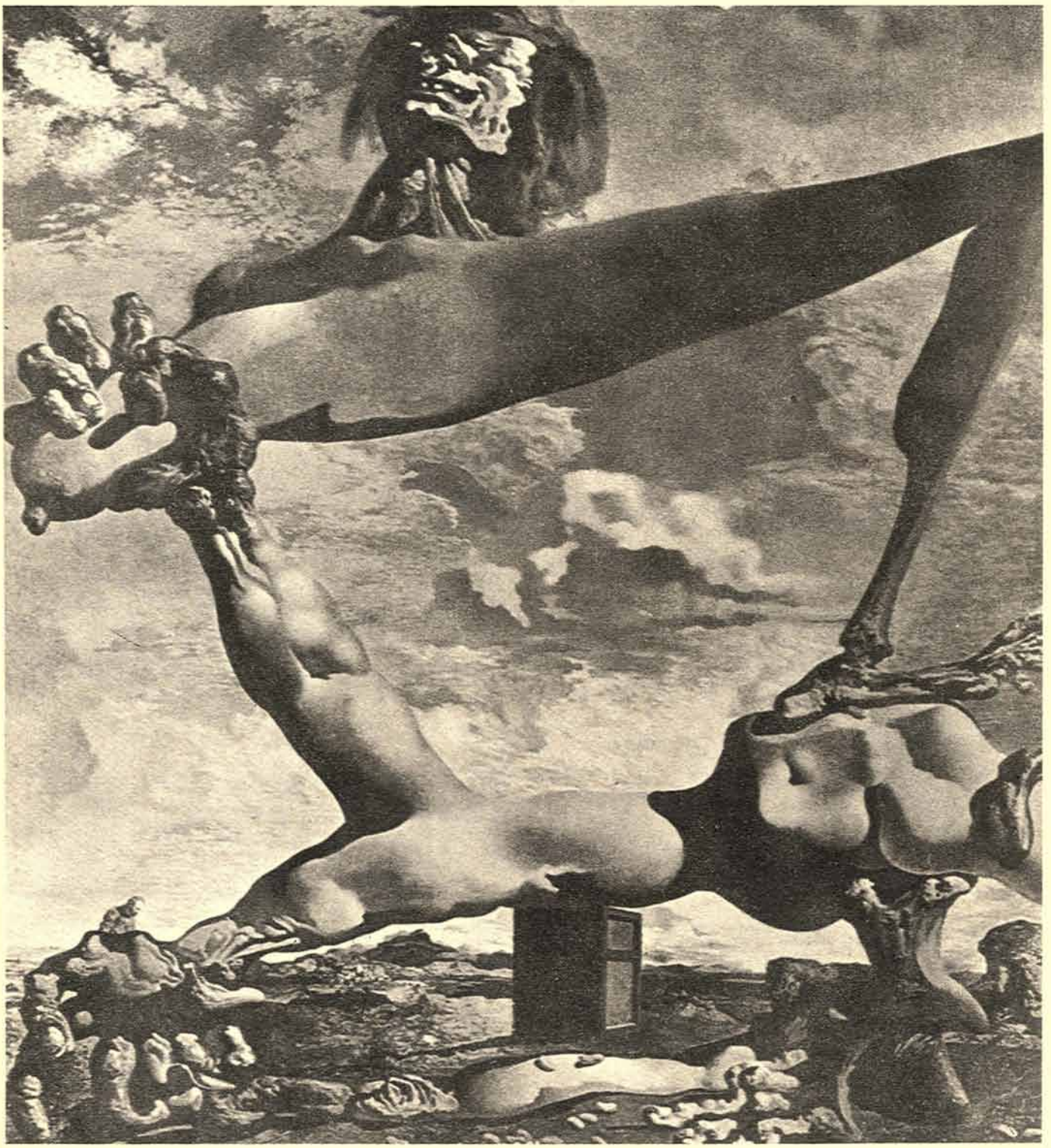
«Girafa a Arder» – 1935, por Salvador Dali

«Capa n.º 10 de Minotauro» – 1937, por Magritte



telas, esforça-se por traduzir um mundo imaginado da forma mais irracional possível. Tem predilecção por alguns motivos que o poderão identificar mesmo sem assinatura. As figuras humanas em que se abrem gavetas e os relógios moles, pendurados pelos ramos das árvores, dobrados e distendidos como matéria plástica. O cenário onde costuma colocar as suas figuras é normalmente sombrio e desolado, ermo como o espírito vazio. Este particular foi-o ele procurar à pintura metafísica, muito do seu agrado. O quadro «Girafa a Arder» é um exemplo disso. Não desdenha mesmo evocar a patologia para explicar as suas criações. Elas correspondem, segundo ele, a estados intermitentes de autêntica paranoia.

Os anos que precederam as guerras, sobretudo a Guerra Civil de Espanha e a II Guerra Mundial, fizeram evocar presságios na pintura surrealista. De facto, muitos quadros onde o fogo surge como elemento frequente, são, por assim



«Premonição à Guerra Civil» – por Salvador Dali

dizer, uma premonição à guerra como a capa do n.º 10 da revista «Minotauro». Podemos adivinhar no esqueleto do touro envolto numa toga preta e de pé (em posição humana) sobre as muralhas quase destruídas que circundam a cidade de Paris, o símbolo dos desastres que a França estava em vésperas de sofrer. Da mesma forma o quadro «Premonição à Guerra Civil», de Dali, nos coloca, de chofre, perante a brutalidade e o horror da tortura e da angústia. A arte surrealista é uma arte difícil do ponto de vista do espectador. No entanto, é uma arte válida, na medida em que pretende exprimir realidades verdadeiras dum mundo que só é aparentemente irreal por não ser apreensível através de meras sensações externas.

O. Lemos
Cap.-frag.

"TRIPEIROS"
Galardão Portuense

Para a maioria das pessoas menos precavidas, o termo «tripeiros» não passa de irónica alcunha dos afadigados filhos da «antiga, muito nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto» – honrosa designação inspirada por Almeida Garrett e decretada por D. Maria II.

Sendo o Porto criado e aumentado nas agrestes escarpas da curva terminal do rio Douro por povos marítimos, nada pode admirar-nos a sua tenacidade, as suas fortes e sinceras paixões patrióticas e o seu arraigado bairrismo sobejas vezes demonstrado através dos tempos.

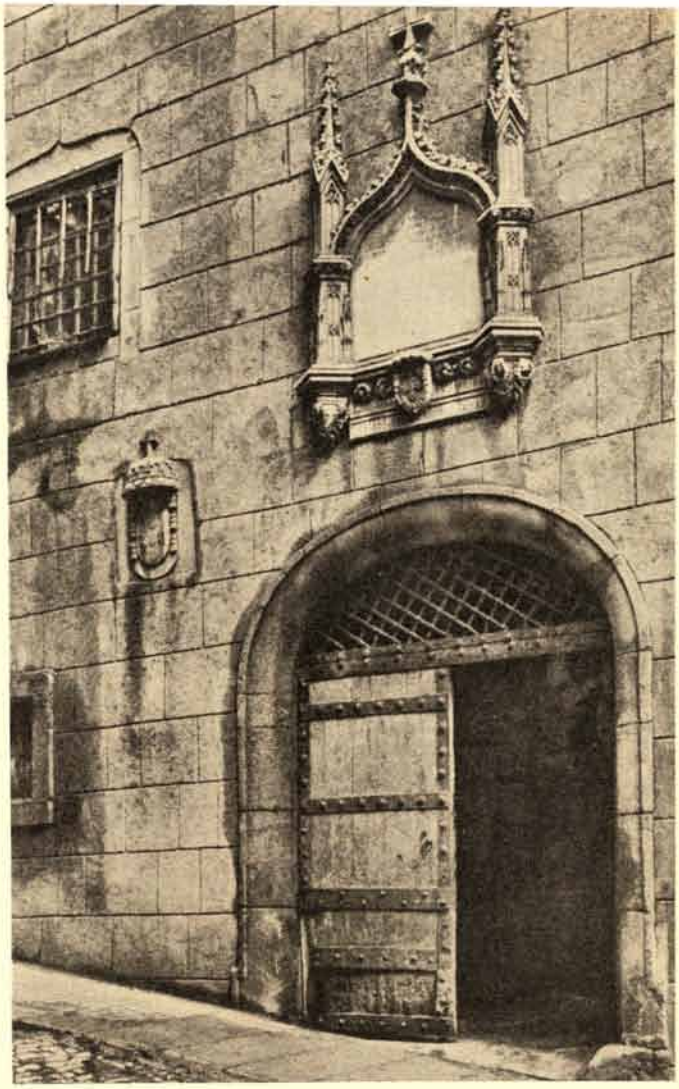
Grande ajuda deu o Porto à causa do Mestre de Avis, que sempre tivera a cidade invicta em alto apreço e a ela recorreu de novo, mandando o seu filho Infante D. Henrique pedir-lhe nova ajuda para uma empresa secreta logo imaginada grandiosa – a expedição a Ceuta.

O notável filho do Rei da Boa Memória tinha, a esse tempo, apenas a idade de vinte anos; mas o seu aspecto robustíssimo e sonhador, as suas poucas falas precisas e comedidas cedo cativam os nobres e o povo labutador que lhe abrem as mãos e os corações para lhe darem tudo.

Uma nova alma tomou conta da cidade e arredores onde reboam promessas de grandeza e mil esperanças. Desusado bulício acusa o entusiasmo dos portugueses que não param de trabalhar nos estaleiros de Miragaia e do Ouro, ecoando o contínuo martelar nas margens do rio de dia e de noite. Todos querem contribuir, na medida de suas posses, para além do possível a fim de tornar eficaz e brilhante a frota do seu ilustre conterrâneo que, ao chegar ao Tejo, maravilhou a capital.

As férteis terras da Maia e de Gaia parecem desfazer-se em provisões; os vinhos, capitosos e fortes, vêm das terras de Riba-Douro. Todas as carnes são, religiosamente, salgadas e acamadas para seguirem; as miudezas, que não podem guardar-se, são cozinhadas com perícia para servir de alimentação aos trabalhadores. Eis a nobre tradição da alcunha «tripeiros».

Muitas outras frotas foram preparadas no Porto e saíram a barra do Douro para derrotas célebres que muito honram a Pátria e o povo do Norte. Porém, não podemos olvidar as memoráveis façanhas dos ilustres súbditos do Infante D. Henrique que tornaram possível a vitória, sendo notável a atitude do moço Ataíde, que se deixou esmagar para franquear a entrada da praça e a de dois escudeiros que, embarcando contra a vontade do Infante, se encontraram a seu lado numa luta implacável e lhe exclamaram com viva alegria: «Não vos parece, Senhor, que estamos agora melhor aqui que nas lógeas do Porto onde Vossa Mercê requeria que ficássemos?»

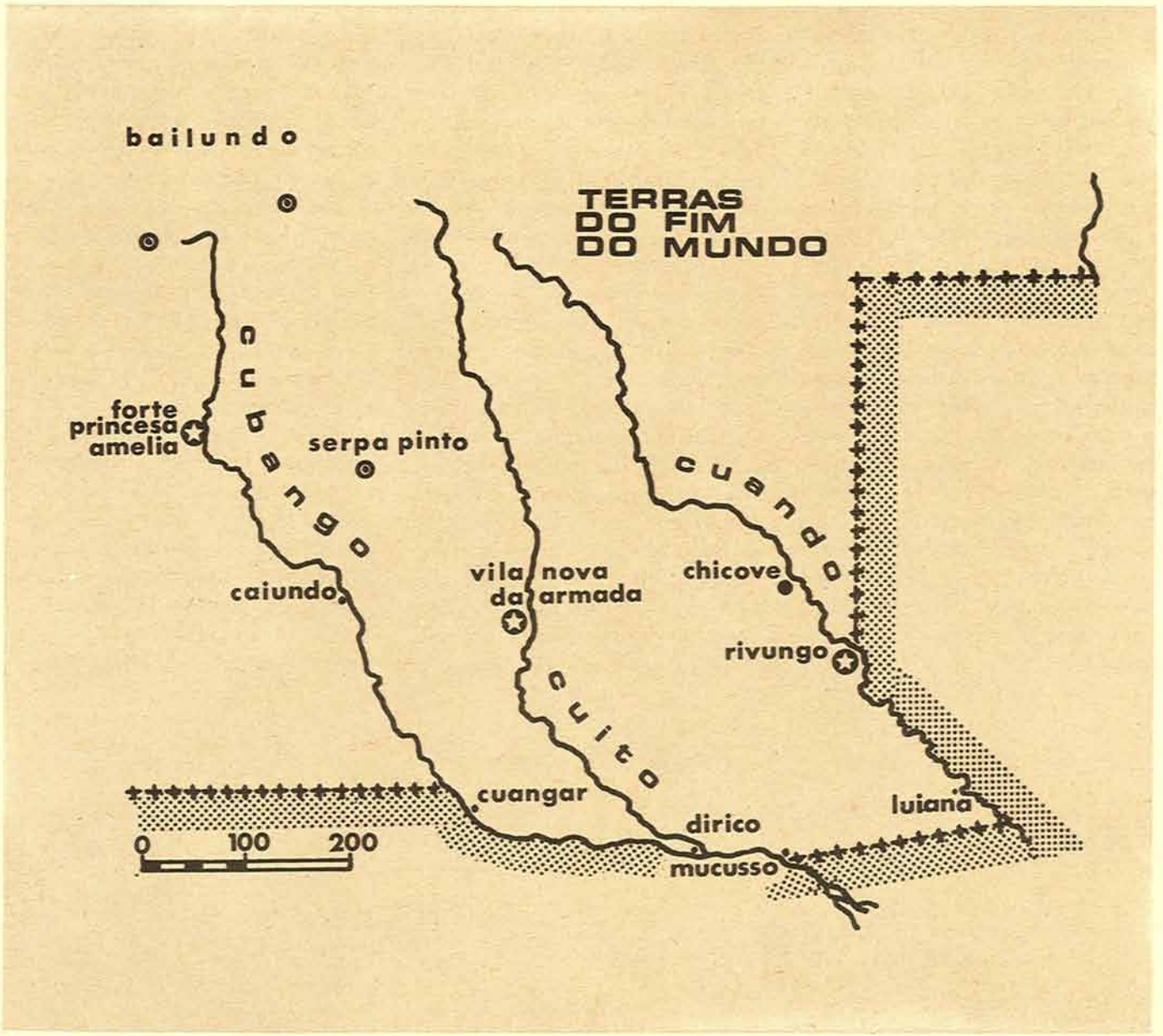


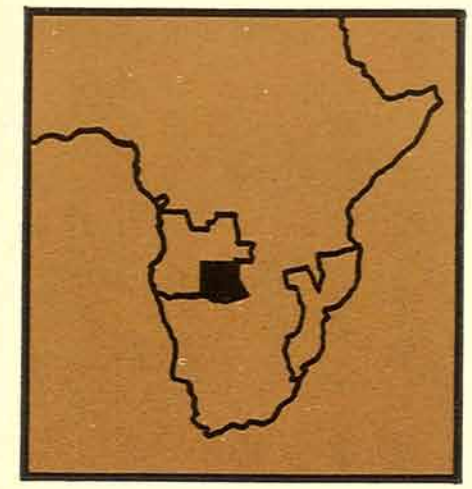
A casa onde nasceu o Infante D. Henrique

«Estaleiros de Miragaia»: óleo de Eduardo Gomes e Álvaro Rocha (pormenor)

Os portuenses costumavam solenizar uma tradicional festa à veneranda imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, como denominavam a antiga imagem da santa padroeira duma capelinha situada no viso da Serra de Valongo, mais tarde venerada sob a invocação de Nossa Senhora das Chãs, em memória da sua protecção aos mareantes.

Acácio Neves
1.º-sarg. H





CUBANGO

Onde a Marinha está para ficar

Quando, há quinze anos, a Missão de Estudos do Cubango dinamitava as Pedras do Abraão encontrou a dois metros de profundidade uma pá do hélice da velha lancha «Cunene», que fora a esperança de instituir a navegação naquele grande rio pelo seu dedicado explorador Silva Nunes. Esta simbólica mensagem transmitida a quase meio século de distância vinculava duas gerações de ma-

rinheiros no mesmo empreendimento obstinado: abrir aos caminhos da civilização as distantes Terras do Fim do Mundo.

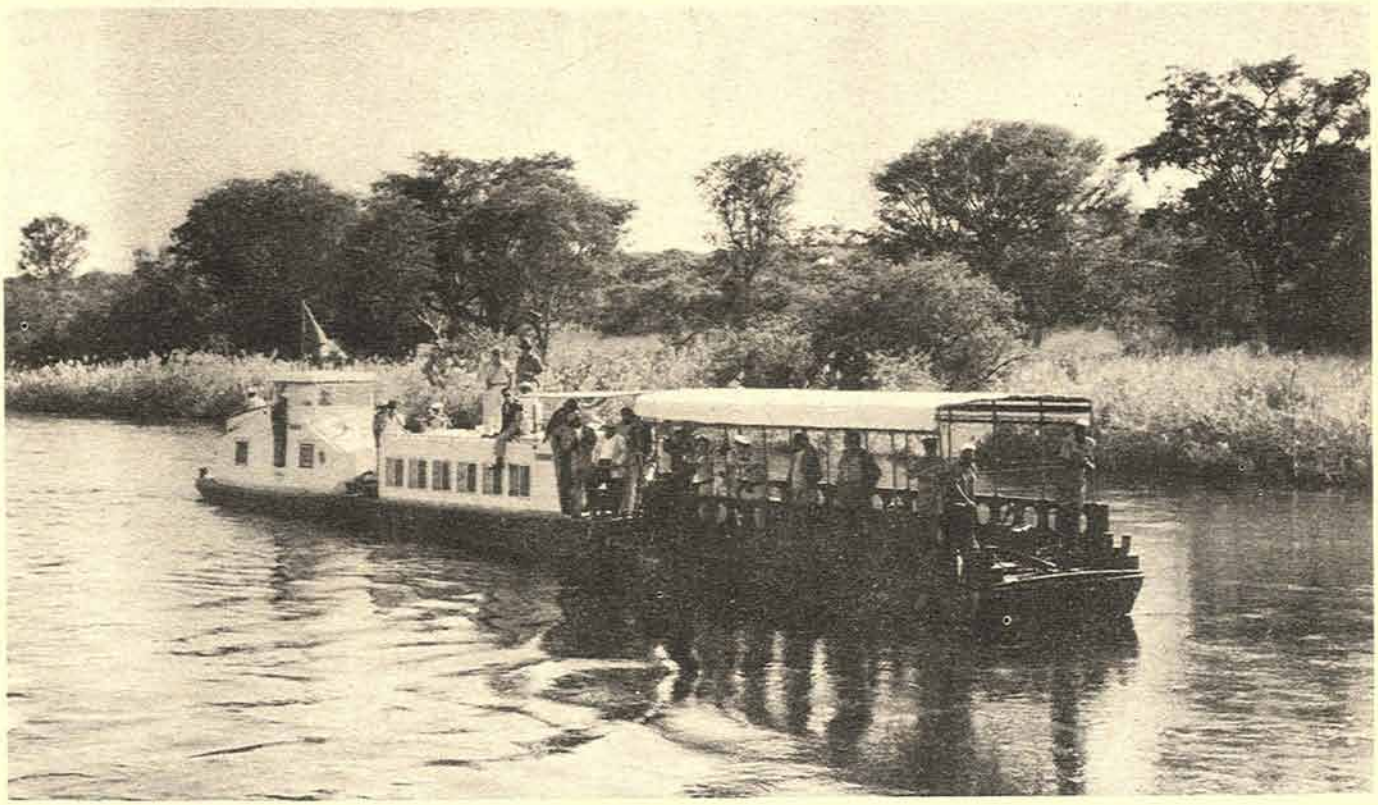
Agora, os equipamentos de ultra-sons para sondagens registadas, os barcos de borracha, os camiões e os *jeeps* mostravam que os tempos eram outros, mas as dificuldades não tinham desaparecido; apenas haviam mudado: molas partidas, enterranços, o frio das altas madrugadas para as observações astronómicas, o suor dos abrigos, para os cálculos da meridiana. Naquelas terras, pelo mês de Junho ou Julho, tem de suportar-se muitas vezes sete ou oito graus negativos durante a noite, seguidos de trinta ao sol, depois do meio-dia. Era mais reconfortante também conviver-se já com povos amigos e autoridades solícitas, religiosos compreensivos e acolhedores. Aquele quarto da Missão Católica do Capico, de porta apenas encostada, as camas feitas, ambiente de conforto disponível a qualquer hora da madrugada para o viajante exausto, o corpo extenuado e o ânimo desfalecido pelos rigores do caminho, era símbolo duma hospitalidade que toda a gente ali teimava e teima levar a extremos desvanecedores.

Mas não se julgue com tudo isso que foi um passeio de turismo pelas águas azuis e margens paradisíacas a obra que a Missão ali fez. Em dois meses, que tanto durou a fase de estudos, foram percorridos, em terra, mais de 20 000 quilómetros de *jeep*, sondados 650 quilómetros de rio, feitas 330 horas de navegação. Nos esboços desenhados iam surgindo nomes de trabalhadores da equipa, homenagem rudimentar mas justa a quem dava, de qualquer modo, com o suor do corpo, o contributo do esforço físico ou do cálculo matemático, da inteligência e da técnica, à obra que surgia: a abertura do rio à navegação segura, como estrada de penetração por que todos ansiavam: logo a juzante do Caiundo, o ilhéu Maurício, depois o Zacarias, o Pastor, o Hermógenes, o Fernando, o Faria, e para baixo, antes da foz do Cuebe, os dois ilhéus pequeninos muito juntos: o Pinho e o Costa.

Cerca de 200 balizas de marcas ficaram a sinalizar os canais da futura navegação, definindo sentidos ou enfiamentos. O nível das águas do Cubango varia muito do tempo das chuvas para o tempo seco, sendo neste, em alguns troços, de passagem muito difícil. Não o é menos, nem menos perigoso, quando a torrente alcança vários metros de altura e esconde o pedregulho traiçoeiro sob as águas barrentas das enxurradas. Nas bifurcações que os numerosos ilhéus impõem só um dos canais em regra é praticável: lá ficou a seta pregada em estaca visível de longe, ou amarrada em tronco de árvore a dar a informação precisa e salvadora.

Quando de todo se não descobria passagem disponível, rebentavam-se as rochas, abria-se por entre elas com cargas explosivas a passagem necessária. Mergulhos em águas onde o jacaré não faz cerimónia de quando em quando a prover ao seu sustento com carne de pessoa humana. A substituição

A formação fluvial do Cubango. 600 quilómetros de navegação por águas limpidas, clima fresco, vegetação exuberante e pores-do-sol maravilhosos



de detonadores em seguida a falhas de fogo. Tudo isso foram experiências da Missão a que não faltavam nem emoção nem voluntários.

A abertura da via fluvial para uma penetração efectiva das Terras do Fim do Mundo em direcção ao seu limite sueste não descurava o objectivo da exploração turística daquele paraíso da caça onde os maiores elefantes do Mundo, as desengonçadas girafas, o rinoceronte, o leão, o búfalo negro, se refugiam da progressiva (e inimiga) ocupação humana, proporcionando, consoante os gostos, admiráveis fotografias ou tiros emocionantes. Daí que se fizesse a previsão de transportes cómodos para turistas endinheirados. Todavia, as previsões optimistas dos caudais ressentiram-se da limitada informação estatística e quando fizeram supor não ser possível apenas em quatro meses no ano, Agosto, Setembro, Outubro e Novembro, a navegação permanente, levaram a decisões que mais tarde se verificou serem menos felizes que ao tempo se imaginaram.

A suposta substituição duma estrada dispendiosa ou quase impossível, recomendou a utilização de formações fluviais em que duas ou três unidades atreladas – uma eventual de gado, outra de carga e uma terceira de certo luxo para passageiros, com beliches, casas de banho, fogão e frigorífico, refeições servidas à mesa e cadeiras de recosto – eram empurradas por unidade motora particularmente equipada com grupo propulsor capaz de manobrar em espaços estreitos e pequenos fundos.

Porém, a estrada teve de fazer-se, e os turistas vão realmente frequentar as coutadas e realizar safaris, mas de avião. Descer o rio manteve-se, contudo, um atractivo em si, que deixa a inesquecível recordação de paisagens maravilhosas dos 600 quilómetros que se atravessam, dos espectáculos feéricos dos poentes, ou das luminosas alvoradas, dos pássaros multicores, das garças brancas, das águas ribeirinhas, do hipopótamo ou do jacaré, dos nunces nas chanas, das palancas nas lombadas suaves das margens, duma ou doutra manada de elefantes ao entardecer, a vir ao rio dessedentar-se e manter a indispensável cosmética lamacenta. Com mais sorte, ou menos sorte nà imprevisível participação zoológica, a descida do Cubango é experiência inolvidável.

E a Marinha instalou-se ainda no Cuangar com oficina de apoio razoavelmente equipada, plano inclinado que permite a querenagem das formações para limpeza dos fundos e fabricos, construiu moradias para sargentos e praças, e a sede da Delegação Fluvial, com secretaria, comunicações e apartamento para oficiais em trânsito, é edifício de boa traça e proporções harmoniosas.

A Marinha está, de facto, com presença honrosa e prestigiante nas terras do Cuango. Está para ficar. E ainda bem.

S. Machado
Cap.-frag.

saibam todos

Que nenhum militar poderá entrar numa embarcação, nem nela largar de bordo, sem licença do superior que estiver presente, exceptuando a própria guarnição.

Que os inferiores entram nas embarcações antes dos superiores e desembarcam depois deles.

Que nas embarcações, os lugares de honra são, por ordem decrescente:
- bombordo a ré;
- estibordo a ré;
- meia ré;
- de ré para vante, alternadamente a bombordo e a estibordo.

Que o militar que julgar ter sido praticado contra ele qualquer acto ilegal, arbitrário ou ofensivo tem direito a reclamar ou queixar-se nos termos do Regulamento de Disciplina Militar.

Que em objecto de serviço, o militar que se considerar lesado ou ofendido deverá cumprir as ordens recebidas, antes da reclamação ou queixa.

Que nenhum militar da Armada poderá modificar o seu aspecto, deixando crescer a barba ou bigode ou cortando-os, se já os usar, sem autorização superior.

Que aos militares da Armada não é autorizado o uso de barba ou bigode que, pelo seu aspecto, seja contrário ao decoro militar.

Que da lotação da creche da Fábrica Nacional de Cordoaria, foram destinados 10 lugares para crianças até 6 anos de idade filhos de oficiais, sargentos e praças da Armada, devendo as respectivas inscrições ser feitas naquela creche, no edifício da Fábrica Nacional de Cordoaria.

Que os objectos sem dono conhecido achados no mar ou por este arrojados, incluindo despojos de naufrágios de navios, de aeronaves ou de qualquer material flutuante que

do ponto de vista científico, artístico ou outro tenham interesse para o Estado constituem sua propriedade.

Que toda a pessoa que achar quaisquer dos objectos atrás referidos deverá comunicar esse facto à autoridade marítima; a falta desta comunicação importará na perda do direito a qualquer remuneração na qualidade de achador.

Que os aspirantes do quadro de complemento designados para prestar serviço no Ultramar em comissão de duração superior a um ano são graduados no posto de subtenente na data de embarque, sem alteração da sua posição na escala de antiguidades e sem que o tempo de permanência neste posto, como graduados, conte para efeitos de promoção ao posto imediato.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

notícias pessoais

CASAMENTOS

2.º-ten. EMQ João António Ferreira Duarte, casou em 2-12-72, com D. Maria Claudina Leal Gonzalez Ferreira.
2.º-sarg. F RF Silvino Joaquim, casou em 19-12-72, com D. Ester Lopes Ribeiro.
2594/Mar. FZE RF – Emílio Marques Verga, casou em 7-1-73, com D. Maria das Dores Barbosa Santos.
856/67/Mar. CM – Inácio José Castilho Chilra, casou em 7-1-73, com D. Maria da Conceição Coelho.
592/68/Mar. L – António Mendes Marques Pinheiro, casou em 3-1-73, com D. Ana de Jesus Saraiva.
2533/1.º-gr. FZ RF – José Augusto Torres Pereira casou, em 28-1-73, com D. Olívia da Conceição Maciel Martins.

PASSAGENS À RESERVA

Sarg.-aj. C – João Maria Marques Limede passou à Reserva Aa em 31-1-73
Sar.-aj. A – António Romão passou à Reserva Aa em 7-2-73.
634/C. CM – Bernardo de Oliveira Pinto passou à Reserva Aa em 25-1-73

APOSENTAÇÕES

Manuel Joaquim Marques, 1.º oficial do Q. P. C. M. M., aposentado em 28-2-73.
João Augusto Dantas, preparador de 1.ª do Q. P. C. M. M., aposentado em 28-2-73.
Mário Maria Rodrigues, sota-patrão de salva-vidas do Instituto de Socorros a Náufragos, aposentado em 28-2-73.
Francisco Gumerzindo Santos, ajudante de maquinista do troço do mar do Q. P. C. M. M., aposentado em 28-2-73.

FALECIMENTOS

VIDAS QUE SÃO EXEMPLO

Alguém veio entregar na Redacção uns vagos apontamentos sobre o 1.º sargento RF David dos Santos, que faleceu no passado mês de Fevereiro. Esse alguém acha que ele merece duas palavras na Revista, por ter servido a Armada tão devota e honradamente. Tem razão. David dos Santos baixou à cova aos 78 anos de idade com uma brilhante folha de serviços na Aviação Naval.

Tomou parte na travessia aérea Calshot (Inglaterra) – Lisboa em 1920; com muito zelo e dedicação trabalhou na preparação dos motores do hidroavião F3-4018 em que Sacadura Cabral e Gago Coutinho realizaram o *raid* Lisboa-Funchal em 1922; no mesmo ano, com boa-vontade, dedicação e conhecimentos técnicos, contribuiu para o bom êxito da 1.ª travessia aérea do Atlântico Sul, preparando os hidroaviões que nela tomaram parte e dirigindo os seus embarques e desembarques em situações por vezes muito difíceis; em 1936 evidenciou muito boas qualidades morais e profissionais e zelo no serviço, a bordo do aviso «Afonso de Albuquerque», como mecânico do hidroavião embarcado; de 1938 a 1941 serviu no Centro de Aviação Naval de Macau, onde mostrou grande dedicação, qualidades de trabalho e competência no serviço não só da aviação como também da Capitania. Tudo isto consta nos «vagos» apontamentos que alguém nos trouxe e são termos empregados nos louvores que lhe foram concedidos e lhe conferiram direito a várias condecorações.

Pelo pouco que fica dito se pode deduzir o que foi a vida simples dum valioso e competente servidor da Armada.

Aqui lhe prestamos as nossas homenagens, apresentando a sua família sentidos pêsames.

Com. EMQ RA Serafim António, faleceu em 13-2-73.
Cap.-m.-g. RF Luciano Sena Dentinho, faleceu em 17-2-73.
1.º-ten. SG RF Francisco Cordeiro Júnior, faleceu em 25-2-73.
Sarg.-aj. A RA Diogo Luís Pinheiro, faleceu em 16-1-73.
1003/Mar. F RF – José de Sousa, faleceu em 19-2-73.
460/71/1.º-gr. FZ – José Nunes Teixeira faleceu em 5-2-73.

voz da abita

INFANTE

Foste tu, nobre Henrique, que de Sagres
Tornaste eterno o nosso Portugal.
Tu, que vencendo e dominando os mares
Lhe deste jus a um destino imortal.
Teu nome ao longe penetrava os ares
Marcando em cada peito o seu sinal
E erguendo nas almas, bem acesa,
A chama da Pátria Portuguesa.

Esmagaste aos pés esse mar profundo,
Que levanta ecos lá na escuridão.
Abriste novos caminhos ao Mundo
E a ele disseste que era teu irmão.
Cortando águas no abismo sem fundo;
Pondo o oceano todo em tua mão,
Porque és filho desta nobre gente
Orgulho desta terra omnipotente.

Oh! Henrique tu quiseste desvendar
Aquela solidão cheia de medos,
O fantasma que está lá nos confins do mar
Por entre negros e gastos rochedos.
Tu! Sobre eles edificaste um altar
Para aí rezarem todos os segredos,
De fronte erguida e corações ardentes,
Os heróis marinheiros sorridentes.

Deste-nos esta arte por herança,
Por todo o sempre havemos de guardá-la.
MARINHEIRO! Não percas a esperança,
Teu sangue corre em ti para honrá-la,
E tua alma, Henrique, já descansa
Na paz eterna, havemos recordá-la!
Cumpriremos essa missão sem quartel,
Sempre havemos de servir-te e ser fiel.

A. Moreira
Mar. C

De Jorge Fernando Silva J. Gonçalves, mar. FZE, internado no Sanatório Bela Vista, recebemos uma carta de resposta ao concurso n.º 16, de que transcrevemos:

«Caramulo, 10-1-73.
«Sou marinheiro FZE, Jorge Fernando Silva Jesus Gonçalves, doente no Sanatório Bela Vista, no Caramulo.
«Leio todos os meses a "Revista da Armada", mas é a primeira vez que concorro a um concurso. Espero que a sorte me bafeje. Os peixes que encontro no quadro são os assinalados na folha apensa. (...)
«Sem mais dou esta por finda com cumprimentos para todos.»

N. R. – *A sorte não o contemplou desta vez, embora a sua resposta estivesse certa. Não deixe de continuar a enviar-nos as respostas dos próximos concursos.*
A este camarada, afastado por doença, enviamos sinceros votos de boas melhoras e de um rápido regresso ao seio da Corporação.

De Silvino Augusto da Cunha Venâncio, cabo C, em serviço no Comando Naval de Cabo Verde, recebemos uma carta que transcrevemos:

«S. Vicente, 6-2-73.
«Caros Amigos:
«Como assíduo leitor da "Revista da Armada" tento sempre resolver todos os problemas publicados, mas nunca tentei enviar os resul-

tados. Hoje decidi-me a fazê-lo e aí o envio para que possam avaliar se está correcto. (...)
«Sem outro assunto me despeço com um abraço cordial de marinheiro.»

N. R. – *A sua resposta está certa, mas o sorteio não o bafejou. Continue a resolver os nossos concursos e a enviar as respostas; pode ser que um dia a sorte lhe bata à porta.*

Do nosso assinante Gualter Guerra, mar. FZ, em serviço em Moçambique, recebemos uma carta que transcrevemos:

«Cobué, 9-2-73.
Com a presente missiva, venho comunicar-vos o meu desejo de continuar assinante da "Revista da Armada". Para o efeito, junto envio em selos postais o valor da renovação da assinatura, sendo meu desejo que a mesma seja enviada para a Rua Benjamim Gouveia, 34, Porto.
Simultaneamente, com estas poucas palavras, é meu intuito colaborar com algo genuinamente criado no meu subconsciente quando em contacto directo com o presente, esquecendo o ontem e futurando... o futuro. Assim, levo até vós, para apreciação, um poema que ditará o orgulho e prazer que terei em cooperar naquilo que para nós foi feito.
O poema em questão tem o título em inglês. Porém não me causará qualquer reprovação se for traduzido para português. Como tal, deixo ao vosso critério a escolha do mesmo.
Sem mais me despeço, agradecendo a atenção e pedindo desculpa pelo incómodo. Muito atenciosamente e ao dispor.»

N. R. – *O poema recebido será apreciado pela nossa Redacção e publicado se for caso disso.*

De Horácio Gonçalves Torres, 1.º-sarg. C, em serviço na província de S. Tomé e Príncipe, recebemos uma carta de que transcrevemos:

«S. Tomé, 22-2-73.
A todos os meus respeitos, cumprimentos e votos de boa saúde.
Ao ler a última nossa bela "Revista da Armada", deparei já com o Regulamento da I Exposição Filatélica da Armada. Espero que tenham colaboradores entusiastas para levar para "vante", com "todas as rotações que a máquina possa aguentar", o esforço daqueles que são "tripulantes" da nossa Revista.
Não sendo filatelista de primeira (pelo menos sou juntador de selos), desejo entrar na I Exposição Filatélica da Armada, já que ela é extensiva a todos, mesmo aos ausentes de Lisboa.
Diz o Regulamento que as inscrições podem ser feitas por carta. Ora, nestas condições, espero que a minha inscrição fique já registada com esta carta. (...)
«Enviarei para a Exposição selos de S. Tomé – alguns retirados de circulação –, sobrescritos de 1.º dia e selos estrangeiros com representação de várias temáticas.
(...) Ciente de que já estou inscrito, aguardo ansiosamente informações sobre esta grande iniciativa.
Continuando ao dispor, com desejos de boa saúde e longa vida para todos e para a "Revista da Armada", subscrevo-me com estima.»

N. R. – *A sua inscrição fica desde já registada. Todavia, como terá ocasião de ler neste número, será necessário o preenchimento do Boletim de Inscrição, que lhe será enviado, e que nos devolverá devidamente completado e assinado.*

NÃO DESTRUAMOS INUTILMENTE A NATUREZA

Pede-nos a Liga para a Protecção da Natureza que colaboremos na sua abnegada campanha em defesa da Natureza.
Correspondendo ao solicitado, gostosamente transcrevemos normas que vão ser afixadas em locais apropriados, recomendando a sua observância.

A Natureza é um bem que devemos preservar em nosso benefício, para nosso prazer, para defesa da civilização e da cultura. Não a destruamos inutilmente!
Se frequenta as praias, percorre o litoral ou anda à beira dos rios, lagos, lagoas ou outras reservas de água por distracção ou trabalho, tome cuidado não moleste, não destrua a Natureza!
Colabore connosco seguindo estas indicações:
– Se pesca ou caça, não capture animais jovens, as crias.
– Se por acaso as capturar, devolva-as imediata e cautelosamente à água ou ao local onde as colheu, para que sobrevivam.
– Na pesca ou na caça não recorra nunca a meios destruidores ilegais, como, por exemplo, explosivos e substâncias tóxicas.
– Não colha mais do que necessita.
– Se para fazer colheitas retirar uma rocha, repo-

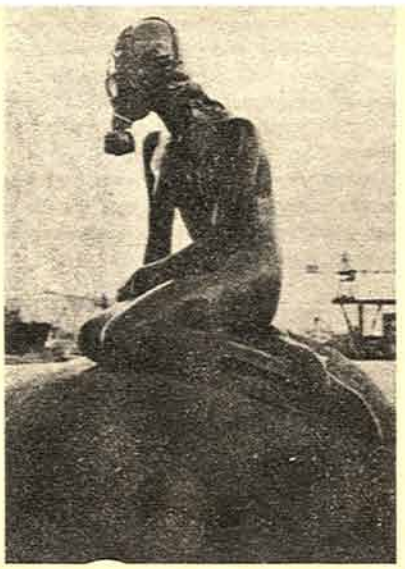
nha-a imediata e cautelosamente no local em que estava e na mesma posição; ao seu abrigo podem viver muitos seres de cuja presença se não apercebeu.

– Se colher animais apenas para os observar no meio onde vivem, não os danifique e deixe-os em liberdade.

– Se estuda ou colecciona algas ou outras plantas aquáticas ou terrestres do litoral, não colha mais do que precisa.

– Pelo caminho, não destrua nem remova sem cuidado os obstáculos naturais que encontrar.

– Não deite lixo nem outros vestígios da sua presença; conserve limpos e intactos os locais por onde passa.



não destruamos inutilmente a Natureza

V SALÃO INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA DO MAR

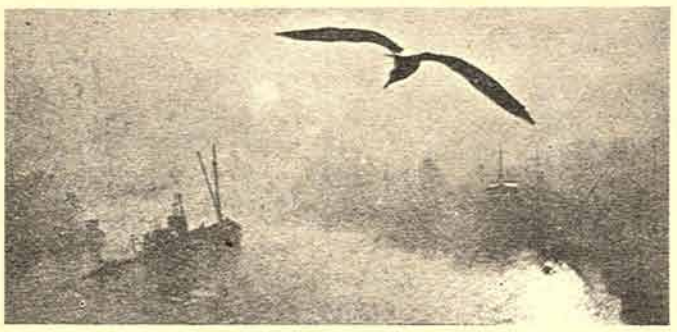
Integrado nas comemorações do Dia da Marinha de 1973, que terão lugar em Julho próximo, vai a Federação Portuguesa de Actividades Submarinas organizar o V Salão Internacional de Fotografia do Mar, para o qual se encontra aberta a inscrição e recepção de provas sobre papel a preto e branco e a cores, bem como diapositivos.

O Salão, que será inaugurado no Dia da Marinha – 8 de Julho –, terá como galardão máximo – atribuído ao melhor concorrente nas três classes – o Murex de Ouro, sendo ainda conferidas medalhas de ouro, prata e bronze e diplomas em cada um dos três grupos de trabalhos a apreciar.

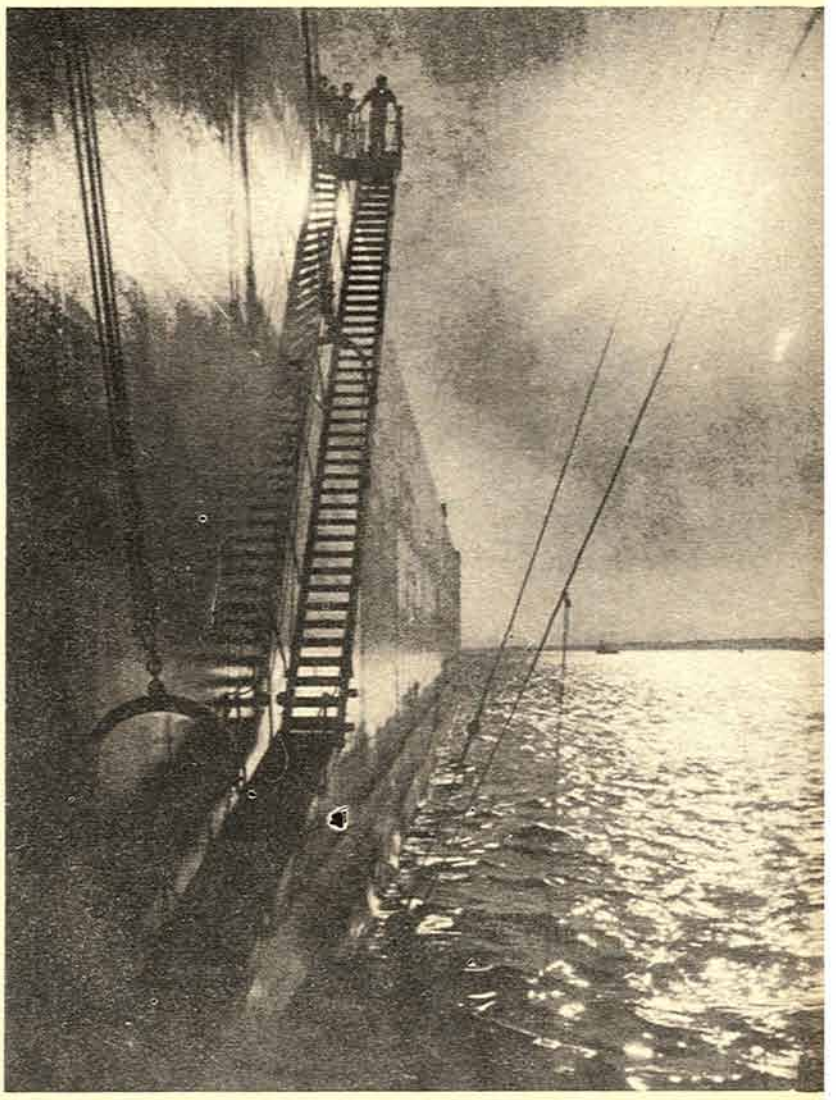
O certame destina-se a concorrentes profissionais e amadores, tendo, em geral, representação de Portugal Continental, Insular e Ultramarino, e copiosa afluência do Brasil e de todas as Américas, Ceilão, Austrália, Nova Zelândia, Japão, Hong-Kong, Grã-Bretanha, Polónia, França, Espanha, Itália, etc.

Quaisquer esclarecimentos serão prestados de tarde e à noite pela Federação Portuguesa de Actividades Submarinas, na Rua do Arco do Cego, 90, 5.º andar, em Lisboa (telefone 76 23 53).

«Rio Amarillo», de Jorge Blanco (Argentina), medalha de ouro da classe 3, diapositivos a cores, do IV Salão, realizado em 1972.



«O Descanso do Gigante», de Maria de Lourdes Matos (Portugal), medalha de prata da classe 1 – provas a preto e branco, do IV Salão, realizado em 1972.



Conversa Entre Marinheiros

O contra-almirante Paulo Viana é, antes de tudo, um marinheiro. O facto de ter feito a maior parte da sua vida na Aviação Naval não invalida a afirmação, pois toda a gente sabe que esta não era mais que um ramo da Armada. Assim, o almirante, como todos os oficiais dessa saudosa Aviação, andava cá e lá, chamando eu cá a Marinha e lá a Aviação. Simultaneamente marinheiros e aviadores tinham de se manter em forma tanto no mar como no ar. E era assim, entre duas grandes paixões – navios e aviões – que nós, pilotos da Marinha, fazíamos a nossa vida.

O almirante Paulo Viana é uma das personalidades mais curiosas com quem tenho lidado. Bem disposto algumas vezes, muito mal outras, dinâmico, nervoso, organizado sem o parecer, sob o seu comando trabalhava-se com gosto, quer nos navios, quer nos aviões. Três vezes foi meu comandante: a primeira, na Escola de S. Jacinto, em Aveiro, quando tirei o *brevet*; a segunda, no Centro de Aviação Naval de Lisboa e, a terceira, na Flotilha de Navios Patrulhas.

Em Aveiro, todos quanto por lá passaram podem dizer o que aquilo era. Trabalhava-se duramente, mas vivia-se um ambiente feliz e agradável. No Centro de Lisboa, o almirante transformou o que era uma espécie de aeroclube em esquadrilha a sério, uma de hidro-aviões no Bom Sucesso e outra de «rodas» na Portela de Sacavém.

Na Flotilha de Patrulhas fez maravilhas. Dava gosto trabalhar tão bem! Tanto eu como todos os oficiais que

lá estiveram havemos de recordar sempre esses tempos com saudade... Os navios, com o distintivo do almirante a tremular no «guia», manobravam às suas ordens como se fossem um só. Era bonito!

Cabe aqui uma palavra amiga do almirante para as guarnições dos submarinos que faziam exercícios com os patrulhas e trabalhavam muito bem... quase... como estes.

E por falarmos em patrulhas:

O Almirante lembra-se da «Patrulha da Alvorada» de Aveiro?

– Pelo nome não, mas diga lá o que era para ver se eu me recordo.

– O meu curso de pilotagem estava na última fase: voo de grupo. Os treinos faziam-se normalmente com um instrutor a «guia» e dois alunos a «asas».

«Confesso que aquilo não era fácil, e a minha concentração era tão grande que ao fim de alguns minutos de voo até me doía o pescoço por ir tão hirto no lugar!

«Certa manhã radiosa de sol, três alunos, entre os quais eu, tinham treino isolado à mesma hora. Antes de ir para o ar, fizemos um *complot*: iríamos mostrar do que já éramos capazes. Apesar de estarmos ainda longe de ser «largados» em voo de grupo, experimentaríamos...

«E fomos. Descolámos um de cada vez, juntámo-nos no ar por cima da Torreira e viemos voar sobre a Escola numa impecável formação em «cunha».

«A certa altura, passou sobre as nossas cabeças uma sombra. Era um avião de rodas, no qual um piloto fazia gestos aflitivos que nós não compreendíamos e a que o «chefe do grupo» correspondia dizendo adeus com a mão. Mas o avião voltava à carga, e passava tão perto que os nossos até tremiam...

«Que se estaria a passar?

«À cautela, o «chefe» deu ordem para desfazer a formação e, seguidamente, amarámos por antiguidades em frente do hangar, o que estava vedado aos alunos.

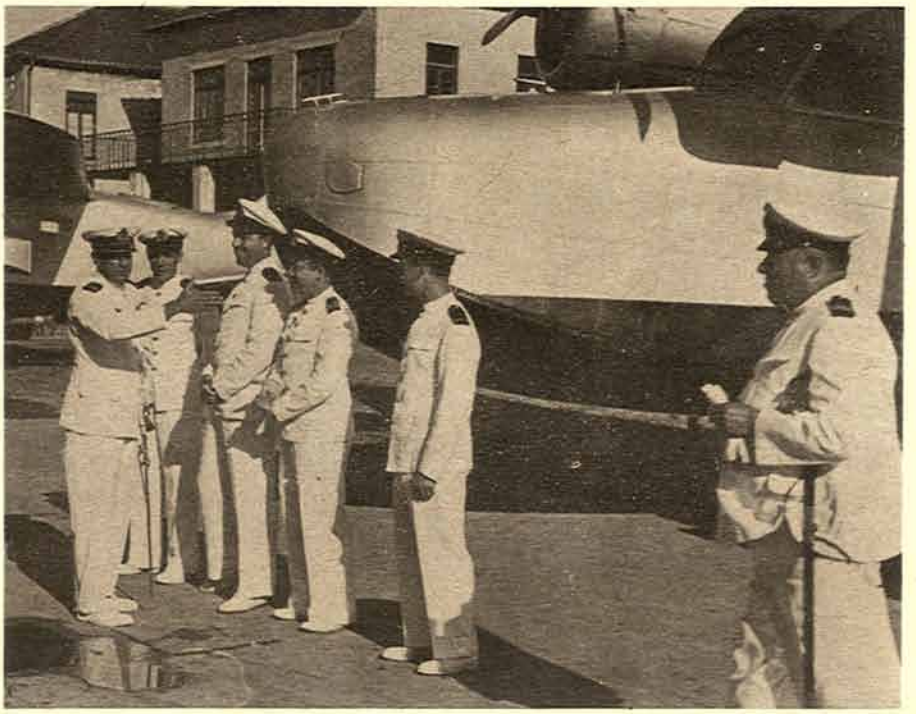
«Quando «abicámos» à praia, vimos o Almirante em cima da muralha com um ar muito pouco acolhedor... Tinha acabado de aterrar no tal avião de rodas e os sinais que fazia, e nós não compreendíamos, era a mandar-nos «para baixo».

«Nem tivemos tempo de gozar o triunfo da nossa grande proeza junto dos instrutores e companheiros que haviam acorrido ao local! Seguimos logo, de orelha murcha, para o seu gabinete. E lembra-se do que nos disse?

– Mais ou menos...

– «Com que então os senhores julgam que são a «Patrulha da Alvorada» (*)?» E perdendo a calma prosseguiu: «Seus anjinhos... inconscientes... idiotas... pedaços de asno... o que vocês precisavam era um bom par de bofetadas... desapareçam da

O curso de pilotos do almirante Paulo Viana (1927). De pé, da esquerda para a direita: 2os-tenentes Namorado, Ferreira da Silva, Espanca, Roboredo, Cardoso de Oliveira e Paulo Viana. Sentado: 2.º-ten. Aires de Sousa



Bem disposto algumas vezes... Dia de revista à esquadrilha do Bom Sucesso

(*) *Célebre filme de aviação da guerra de 1914 focando a actividade de uma esquadrilha inglesa em que se destacava uma secção de aviões intitulada «Patrulha da Alvorada», por actuar normalmente ao romper do dia.*

Na Escola de S. Jacinto vivia-se um ambiente alegre e feliz. 1.º plano, da esquerda para a direita: 2.º-ten. R. Silveirinha (morto em desastre), 1.º-ten. Paulo Viana (comandante da Escola), 2.º-ten. Costa Pessoa (falecido), 1.º-ten. EMQ Rodrigues dos Santos; 2.º plano: 2.º-ten. Malheiro do Vale, 2.º-ten. Correia de Barros (falecido), 2.º-ten. Palma Féria (morto em desastre), 2.º-ten. António Gonçalves (morto em desastre), 2.º-ten. Correia Matoso, 2.º-ten. Trindade dos Santos, 1.º-ten. Carlos Sanches, 2.º-ten. EMQ Luís de Oliveira

minha vista, antes que eu perca a cabeça.»

Nós já íamos a esgueirar-nos pela porta mas o Almirante chamou-nos outra vez. E já mais calmo afirmou que não tinha gosto nenhum em ir ao nosso enterro, e por isso ia propor que fôssemos excluídos do curso.

O caso passou a ser assunto de todas as conversas e motivo de preocupação geral.

No dia seguinte, consultados os membros do Conselho Escolar, veio a sentença: ABSOLVIDOS!

Voltou a alegria e a boa disposição à Escola de S. Jacinto.

E agora vem a moral da história, que define o almirante como chefe.

Soubemos mais tarde que teria desabafado com os instrutores nestes termos: «Mas que grande susto..., cheguei a pensar que aprovavam a exclusão dos rapazes... A verdade é que os «gajos» iam muito bem! O que me apetecia era castigá-los e... louvá-los...»

O almirante comandou o contratorpedeiro «Tejo» em 1945-1947. A sua habilidade como manobreiro corria de boca em boca. Não ficava em nada atrás da que tinha como aviador. O navio nas suas mãos era um brinquedo que manejava com um à-vontade impressionante! Eu próprio ouvi dizer mais tarde a um velho piloto de Ponta Delgada «que nunca tinha visto comandante com tanta habilidade».

– E foi mesmo em Ponta Delgada que se passou a cena que lhe vou contar – diz o almirante.

«O Tejo» estava amarrado ao cais e tinha de ir para as bóias a fim de o deixar livre.

«A manobra fez-se às seis da manhã, apenas com cabos, e com o navio apagado.

«A certa altura um golpe de vento fez que o navio atravessasse ficando em posição pouco airosa.

«Com a boa vontade e competência de todo o pessoal, lá se conseguiu amarrá-lo às duas bóias, depois de muito trabalho.

«Deu volta à faina, e quando eu descia da ponte encontrei o imediato e disse-lhe: «Então senhor imediato, desta vez íamo-nos enrascando...»

«E ele, hoje um ilustre almirante, gaguejando como é seu hábito, respondeu sem hesitar apontando o dedo indicador na minha direcção: «Í... í... íamos não..., i... i... ia o senhor!»

– Então, senhor Almirante, que idade tem?

– Desculpe, mas não digo. Cada um tem a idade que parece. Digamos que já não sou um jovem, está bem? Faça os seus cálculos, ou se teima em querer saber, vá... à «Lista da Armada».

«Estou reformado e vivo em S. Pedro do Estoril, uma casa às ordens de todos os camaradas amigos, rodeado de recordações da Marinha e da Aviação. Nunca me esquecerei dos oficiais, sargentos e praças das guarnições das unidades que comandei, que tão bem cumpriram sempre...

«Como sabe, acabei praticamente a minha carreira como comandante Militar dos Açores. Ali recebi, da parte dos camaradas do Exército que tive a honra e o prazer de comandar, sig-

nificativas homenagens que nunca esquecerei também.

«Permita, meu caro Comodoro, que lhe peça para transcrever este louvor que considero o mais significativo na minha carreira e fala ao coração de toda a Marinha. Não me foi dado a mim, mas sim à guarnição do «Tejo» que eu comandava. Julgo que não necessita de comentários, pois fala por si:

«Ao Comando do Contratorpedeiro «Tejo».

«É com a maior satisfação que comunico a esse Comando, a fim de ser levado ao conhecimento da guarnição, que Sua Ex.ª o Ministro da Guerra, em ofício dirigido a Sua Ex.ª o Ministro da Marinha, faz as referências mais altamente elogiosas às qualidades de extrema correcção, natural disposição de bem servir, zelo, dedicação no cumprimento dos seus deveres, espírito de disciplina exemplar, de compostura sem afectação, de natural delicadeza no trato e uma preocupação de bem cumprir e executar as ordens que jamais viu excedido e raras vezes será possível igualar, da parte dos oficiais, sargentos e praças desse navio, ao mesmo tempo que manifestou o seu alto apreço pelo espírito de boa vontade, de extrema amabilidade e de grata simpatia que sempre lhe foi testemunhada a bordo durante a sua visita aos arquipélagos dos Açores e Madeira por toda a guarnição desde o comandante até ao mais modesto marinheiro.

– Quantas recordações dos nossos tempos de aviação, senhor Almirante!

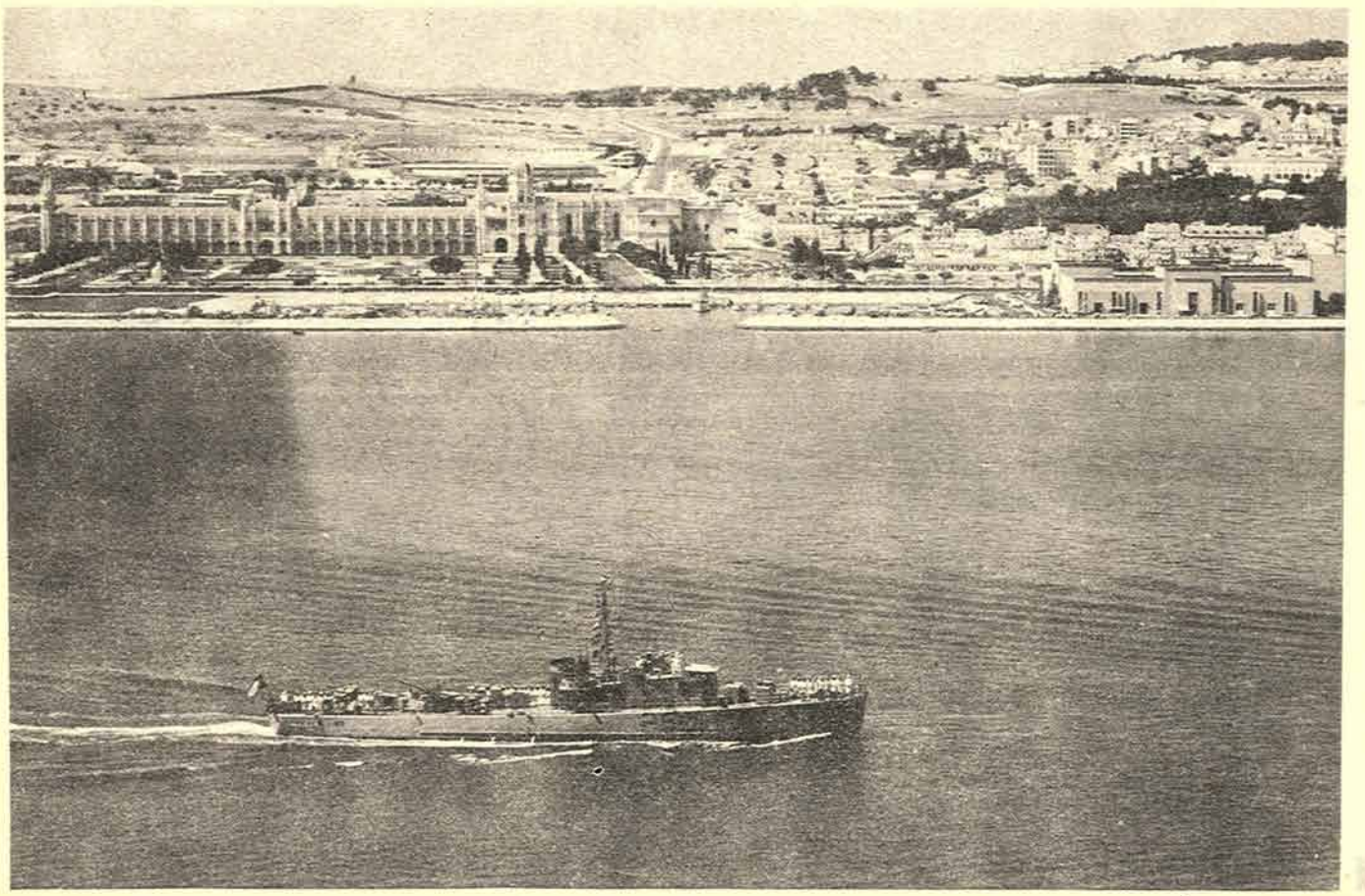
«Aquela viagem de três «Grumans» de Ponta Delgada para Lisboa, num domingo, com o céu tão nublado que nós não vimos a água durante todo o trajecto... com vento de cauda de mais de 100 quilómetros por hora... Um *clipper* da carreira América-Europa, que fez a mesma viagem descolando pouco antes de nós, não conseguiu amarar em Lisboa, por causa do nevoeiro, e foi pousar ao largo de Sesimbra, em pleno mar... E nós lá viemos, batendo os nossos próprios *records* de velocidade... E amaramos todos no Tejo!

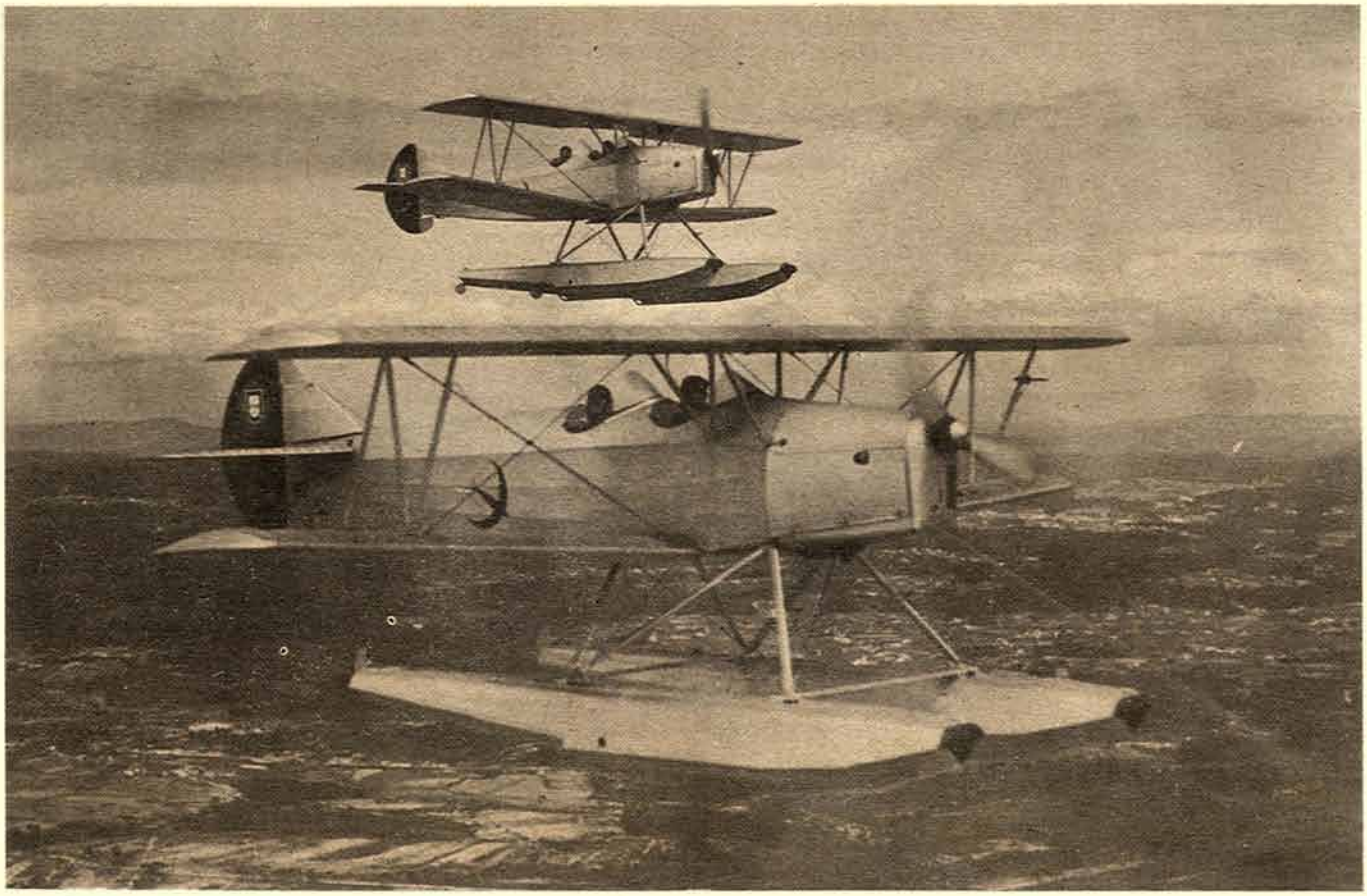
«Aqueles voos de 6 e 7 horas no mar, durante a II Guerra Mundial, à procura de náufragos de navios afundados por submarinos alemães... E bastantes salvámos! Recordo, por exemplo, os 40 do paquete inglês «Avila Star», localizados 15 dias depois do afundamento numa baleeira, ao largo da costa de Marrocos, quando já se julgavam perdidos. Foram 6 dias de busca feita com 5 aviões voando em linha e à vista...

«E aquela viagem tormentosa num «Sunderland», a caminho da Guiné... que não redundou numa tragédia porque... o comandante do avião, que era o Almirante, e os restantes membros da tripulação estiveram à altura das circunstâncias... Ainda um dia hei-de contar essa odisseia na Revista...

«E os nossos desafios de futebol em Aveiro, em que ambos éramos «avançados» da equipa dos oficiais... Belos tempos!

Com o distintivo a tremular no guia... A Flotilha de Patrulhas sobe o rio e recolhe à base





Dois «Fleets» de Aveiro em voo de grupo. Eram estes os hidroaviões de treino da Escola de S. Jacinto

«Se a gente se põe a desfiar o rosário, nunca mais pára!

– Se não se importa, e para terminar, senhor Almirante, gostaria de lhe recordar o meu segundo voo na aviação por ter sido precisamente consigo.

«Antes de mais, e para se dar verdadeiro significado à narrativa, esclareço que, antes de ir para Aveiro, nunca havia voado, e creio até que nem sequer tinha estado ao pé de um avião...

«O caso é que antes do voo que vou descrever apenas havia feito um de 15 minutos, chamado «voo de adaptação». Este, agora, era classificado como «reconhecimento sobre terra».

«Descolámos no seu jeito tão característico... ganhando velocidade em voo horizontal, subindo depois quase à vertical e caindo, finalmente, sobre uma asa! A seguir, com o avião já direitinho, metemos por terra dentro.

«E ia eu entretidíssimo a admirar a paisagem: pinheirais, riachos, estradas, povoações, o mar lá ao longe, uma grande serra em frente... quando a voz autoritária do Almirante soou aos meus ouvidos através do tubo acústico: «Senhor Tenente, que estação é aquela?»

«Realmente, lá em baixo, via-se uma grande estação de caminho de ferro, os carris a luzir ao sol, um comboio a fazer uma grande fumarada...

«« – Então, senhor Tenente, em que ficamos?

«Sabia lá eu que estação era. Nem fazia a mínima ideia! E o Almirante teimosamente:

« – Pois se não sabe, vamos lá ver...

«Palavras não eram ditas e já o avião picava como uma seta sobre o telhado da tal estação. Até assobiava!

«Eu encolhi-me todo no meu lugar, encomendei a alma a Deus e fechei os olhos. Convenci-me que tinha chegado a minha hora... Senti o estômago vir-me à boca e o sangue fugir-me para os pés quando o avião, depois de rasar o telhado, subiu quase a prumo.

«– Então, viu? – perguntou o Almirante.

«Claro que não tinha visto nada. Só o susto que eu apanhei!

«– Ai, ele é isso?

«E aí vamos nós outra vez de escantilhão por ali abaixo...

«Só havia uma maneira de me safar: era ler o nome.

«Enchi-me de coragem, cerrei os dentes, preguei os olhos no telhado, onde ele estava escrito em grandes letras, e li finalmente: PAMPILHOSA. Que alívio!

«– Ora até que enfim! – disse o Almirante. – Vamos embora.

«Parece que tinha acabado o meu tormento, mas não. O «vamos embora» significou ainda muitas coisas: passar várias «barbas» ao tal comboio em andamento, quase tocando com as rodas no tejadilho e com a ponta das asas nas cabeças dos passageiros que iam à janela, rasar os pinheiros a ponto de roçar pela rama e eu a encolher-me todo no... assento... e já sobre a pista, dois *loopings* seguidos antes de aterrar...

«Quando me apanhei com os pés bem assentes no chão ainda me parecia mentira!

M. do Vale
Com.

filatelia

OS SELOS E A ARMADA

ALMIRANTE AFONSO DE CERQUEIRA

O selo que ilustra o presente apontamento mostra-nos a figura de Afonso Júlio de Cerqueira, nascido em Viseu em 1872 e falecido em Lisboa em 1957, depois de uma brilhantíssima carreira que o tornou conhecido, admirado e respeitado.

Aos 19 anos concluiu o curso da Escola Naval e logo se começou a distinguir nas especialidades a que sucessivamente se entregou: meteorologia, artilharia, electricidade, radiotelegrafia e aeronáutica, como observador.

Pode, com toda a propriedade, afirmar-se que foi um militar de terra, mar e ar.

No mar, prestando serviço e comandando diversos navios, nomeadamente na I Guerra Mundial sempre com saber e distinção; em terra, revelando-se um autêntico herói nas Campanhas de África; no ar, ocupando o alto cargo de director da Aeronáutica Naval, com entusiasmo e competência.

Desempenhou ainda outras missões em Portugal e no estrangeiro, e no seu peito ostentava as mais altas condecorações, como a Torre e Espada e o Valor Militar.

Distinguiu-se ainda pelo seu notável sentido de respeito pela pessoa humana e por uma permanente e contagiante simpatia que o tornavam querido não só na Armada como em todos quantos o conheciam.

A NOSSA EXPOSIÇÃO EM MARCHA

Artigo 2.º do Regulamento

Por ter saído incompleto, dando origem a dúvidas justificadas, publica-se uma alteração ao artigo 2.º do Regulamento, que fica com a seguinte redacção: «Art. 2.º – Poderão concorrer quaisquer coleccionadores, principiantes, médios ou avançados, que prestem serviço na Armada como militares ou funcionários civis, ou se encontrem nas situações de Reserva, Reforma ou Aposentado.»

Comissão auxiliar da organização

Ao anunciar a realização da I Exposição Filatélica da Armada pela nossa Revista, apelámos para que se juntassem aos habituais colaboradores desta página outros filatelistas, a fim de nos ajudarem na planificação e orientação a seguir e melhor se programar a sua execução.

Chegaram até nós as adesões solicitadas e, considerados diversos factores, formámos uma comissão constituída pelos filatelistas José Marques Curado, sarg.-aj. AE; José Abelho Moleiro, sarg.-aj. ACM; Adélio Alves, cabo R (todos a prestar serviço no G. 1 E. A.) e Luís António Marques, modelador naval (em serviço no Museu de Marinha).

Analisámos detalhadamente os diversos pormenores exigidos por uma manifestação deste género e pusemos em movimento a sua execução, plenamente conscientes e confiados de se atingir o sucesso natural e logicamente ambicionado por todos os «marinheiros» que coleccionam selos.

A nossa Exposição é portanto uma realidade, estando em andamento os necessários preparativos para que esta obra dos filatelistas da Armada consiga a projecção que se pretende.

Quem, quantos e que vamos expor?

Com a aproximação da data fixada para a nossa Exposição, urge saber quem e quantos somos os filatelistas interessados e o que vamos expor, a fim de prepararmos devidamente o respectivo catálogo e podermos prever o número de quadros expositores de que vamos necessitar. Para tanto, a inscrição dos filatelistas que pretendam marcar presença – acreditamos que todos os coleccionadores da Armada o desejam – abrirá a 15 de Abril e encerrará a 20 de Maio.

As inscrições devem ser feitas, directamente ou por carta, na secretaria da «Revista da Armada». Em qualquer dos casos, deve ser feita em impresso próprio que será entregue ou enviado a quantos o solicitarem.

Assim, todos podem expor as suas colecções, desde que estejam ligados à Armada.

Algumas notícias sobre a Exposição

A nossa Exposição realizar-se-á em explendido local, e será solenemente inaugurada por uma alta individualidade no dia 8 de Julho – Dia da Marinha –, estando patente ao público até ao dia 15 do mesmo mês.

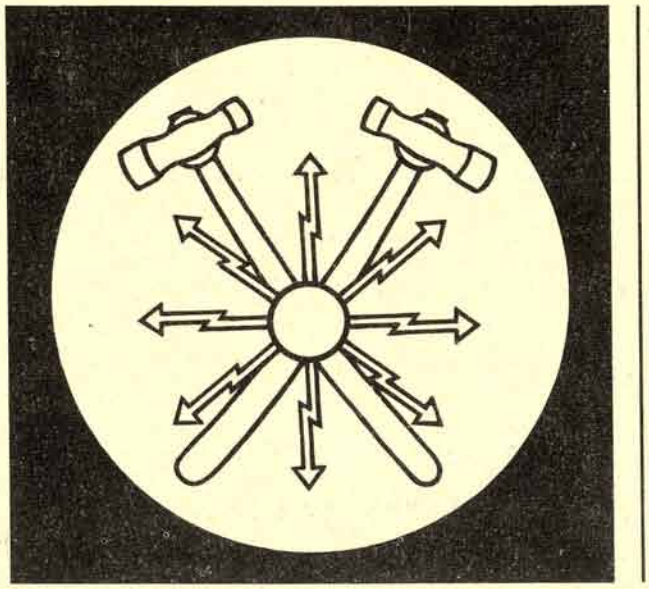
No local, estará à venda um sobrescrito comemorativo, que contamos seja ilustrado por um artista-desenhador sobejamente conhecido e muito apreciado pelos filatelistas.

Está também a diligenciar-se no sentido de ser instalado no local um posto de correio, para obliterar com carimbo alusivo a correspondência que para o efeito ali for apresentada. Solicitámos também à Federação Portuguesa de Filatelia a indispensável e prestigiosa colaboração que desta entidade vamos necessitar.

Estas e outras notícias serão pormenorizadas no próximo número.

G. Brandão
2.º-ten. SG

"OS MARTELOS E A ARANHA"



Em 1950-51, um grupo de três cabos artífices radiolectricistas, hoje primeiros-tenentes, esteve na Marinha americana em Great Lakes, Illinois, a frequentar um curso de *electronics technician* durante trinta e seis semanas.

Esse curso foi frequentado juntamente com alunos americanos e, valha a verdade, aparte algumas noções de radar e de sonar, os nossos cabos tinham bem mais conhecimentos teóricos do que os lá ministrados, o que lhes deu folga para fazer uma vida de contactos pessoais com outras gentes, especialmente brasileiros e belgas que também lá estavam.

As nossas escolas têm sido ricas em teoria, enquanto as americanas eram ricas em aparelhagem para aulas práticas, o que não admira, dado o poder dos dólares.

No meio de tanta electrónica o que mais surpreendeu os alunos americanos foi o nosso distintivo de artífice, e então surge a pergunta: «What the hammers mean?» Foi-lhes respondido que os martelos eram para dar umas marteladas nos equipamentos quando estavam avariados. Este gracejo originou, como é natural, uma gargalhada geral.

O velho símbolo data, certamente, dos tempos do transmissor de faísca e do receptor de galena, dos tempos em que a electrónica não existia; era aparelhagem, praticamente, mecânica.

Há tempos, foi-me dado ver um filme acerca da aparelhagem electrónica existente num dos novos submarinos. Não há espaços vazios, não há onde se esconda um rato, tal é a gama de equipamentos electrónicos modernos.

O progresso tecnológico neste ramo é colossal, direi quase assustador para quem tem de reparar e conduzir o material.

Porém, o velho símbolo dos martelos e da aranha permanece como a manter vivas as chispas do velho transmissor de faísca. Não será tempo de se arranjar um outro distintivo mais elucidativo, mais atraente e até mais agradável para quem o usa? Ia a terminar estas linhas quando me deu para consultar num dicionário a designação de artífice, e leio: «*Artífice,* m. Aquele que exerce uma arte mecânica. Operário...» Não há dúvida de que esta designação estava perfeitamente de acordo com a mecânica do velho transmissor. Porém, actualmente, parece dizer muito pouco às pessoas de fora. Não seria altura de se lhes chamar técnicos de electrónica, como, de facto, o são, à semelhança do que acontece noutras marinhas?

Perdoem-me as sugestões, mas para quem está no limiar dos trinta anos de serviço não pode deixar de viver na Armada os grandes e os pequenos problemas das pessoas e das coisas.

Serra Gaspar
1.º-ten. SG

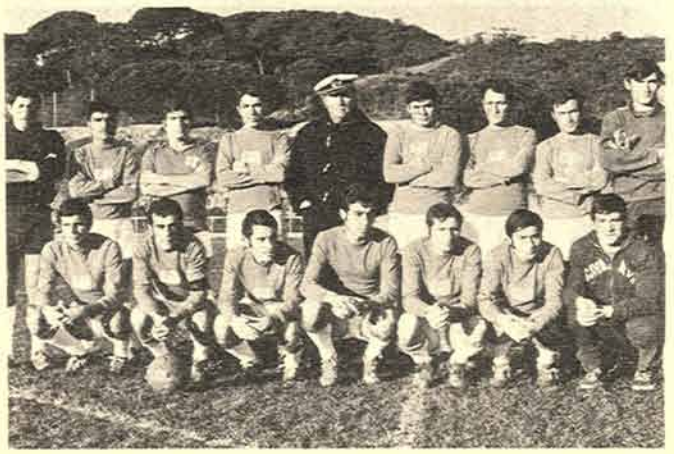
Campeonato de Futebol da Armada

ESTÃO DESDE JÁ APURADAS PARA A FASE FINAL AS SEGUINTES EQUIPAS: ESCOLA NAVAL, ESCOLA DE FUZILEIROS, C. E. F. A., GRUPO N.º 1 DE ESCOLAS DA ARMADA, GRUPO N.º 2 DE ESCOLAS DA ARMADA, FRAGATA «GAGO COUTINHO» E INSTALAÇÕES NAVAIS DE ALCÂNTARA.

GRUPO N.º 1 DE ESCOLAS DA ARMADA. ACTUAL CAMPEÃO, MANTÉM-SE FAVORITO PARA A REVALIDAÇÃO DO TÍTULO.

A equipa da «Sagres» ainda não apurada mas com possibilidade de o ser. De joelhos, da esquerda para a direita: Cardoso, Espada, Santos, Esteves, Ervideira e Guerra. De pé: Carvalho, Neves, Bernardes, Costa, Pereira, Castro, Alves e Heitor

A Escola de Fuzileiros também pode ser campeã. De joelhos, da esquerda para a direita: Pinto, Conceição, Almeida, Ferreira e Cruz. De pé: Trafaria, Madureira, Santos, Grancho, Gonçalves e Varandas



A Escola Naval ainda pode comparecer à fase final; para já ganhou à «Gago Coutinho» num jogo sensação! De joelhos, da esquerda para a direita: Armando, Amaro, Salvador, Duarte, Matoso, Santos e Machado. De pé: Repouso, Sousa, Oliveira, Marques, Leitão (seleccionador), António, Freitas, Cavaco e Mendes

O G.2 E. A. tem este ano uma equipa bastante homogénea. De joelhos, da esquerda para a direita: Reis, Jacinto, Pimenta, Serafim, Ficalho, Luz, Macedo e Mota. De pé: Vieira, Monção, Ferreirinha, Baptista, Andrade, Dabó, Simões, Valente e Libónio

A equipa da «Gago Coutinho», que provavelmente vencerá a série C. De joelhos, da esquerda para a direita, Pires, Fertuzinhos, Marques Trindade, Santos, Ventura e Palma. De pé: Viana, Moura, Caetano, Damas, Carvalhal, Brito e Góis

NA SÉRIE C, O «SCHULTZ XAVIER» AVERBOU 4 DERRROTAS POR FALTA DE COMPARÊNCIA E NA SÉRIE D DESISTIU O MUSEU DE MARINHA

FUTEBOL

A fase de apuramento está prestes a concluir-se e os jogos têm decorrido com muito interesse.
Damos a seguir um breve comentário do que está a passar-se em cada uma das séries, apresentando-se a respectiva tabela classificativa:

Série A

	J	V	E	D	BOLAS	P
1.º C. E. F. A.	4	3	–	1	7 - 5	10
2.º G. 2 E. A.	3	3	–	–	11 - 2	9
3.º B. N. L.	4	1	1	2	4 - 7	7
4.º D. S. A.	3	1	–	2	1 - 8	5
5.º Flot. D/M's	2	–	–	2	2 - 3	2

Nesta série o facto mais saliente é o apuramento dos dois primeiros classificados quaisquer que sejam os resultados dos jogos ainda por efectuar. A Flot. D/M's teve uma derrota por f. c. frente ao C. E. F. A.

Série B

	J	V	E	D	BOLAS	P
1.º E. Fuz.	3	2	1	–	12 - 3	8
2.º Agrup. D/M's	4	2	–	2	6 - 7	8
3.º «Sagres»	2	1	1	–	3 - 2	5
4.º «Mag. Cor.» B	2	–	–	2	0 - 9	2
5.º «João Belo» A	1	–	–	1	0 - 0	1

De realçar o empate a 2 golos entre a E. F. e a «Sagres», dois favoritos. A equipa A da «João Belo» não compareceu ao jogo com o Agrup. D/M's. Nesta série tudo leva a crer que a Escola de Fuzileiros esteja apurada. O Agrup. D/M's e a «Sagres» têm hipóteses embora os «manobras» sejam, quanto a nós, equipa mais apetrechada para se classificar.

Série C

	J	V	E	D	BOLAS	P
1.º «Gago Cout.»	4	3	–	1	25 - 2	10
2.º Escola Naval	2	2	–	–	2 - 1	6
3.º «João Belo» B	2	1	–	1	0 - 12	4
4.º C. S. D. M.	2	1	–	1	0 - 4	4
5.º «S. Xavier»	4	–	–	4	0 - 8	4

As sucessivas derrotas por falta de comparência do «S. Xavier» vieram tirar interesse a esta série, na qual a «Gago Coutinho», já apurada, foi surpreendentemente batida pela Escola Naval, por 2-1. A Escola Naval também deverá ser apurada para a fase final.

Série D

	J	V	E	D	BOLAS	P
1.º G1 E. A.	4	4	–	–	13 - 4	12
2.º I. Nav. Alcânt.	3	2	–	1	8 - 4	7
3.º «Mag. Cor.» A	3	2	–	1	5 - 5	7
4.º «Maio»	4	1	–	3	5 - 15	6

Com a desistência do Museu de Marinha, a luta desenha-se entre o 2.º e 3.º classificados para se saber qual deles acompanhará o G. 1 E. A. na fase final da prova.

RÂGUEBI

A equipa do C. N. O. C. A. disputou a zona B do Campeonato Nacional da II Divisão, tendo obtido um excelente 3.º lugar, pelo que ficou apurada para uma *poule* cujo vencedor terá acesso à I Divisão. Saliente-se que nos últimos três jogos a equipa, contou outras tantas vitórias, o que diz bem do bom momento que o «15» da Marinha está a atravessar. Eis os elementos que têm constituído o conjunto base do C. N. O. C. A: Soares; Abreu, Gomes, Bacelar e Morgado; Blasques e Brito; Paulo, Begonha e Saldanha; Bento, Braga, Tavares, Grácio e Silva.

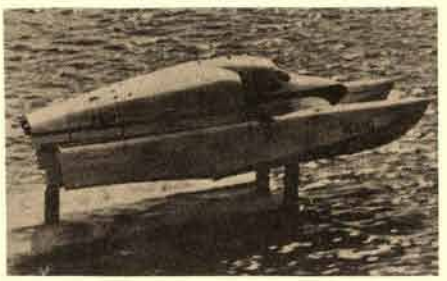
CORRESPONDÊNCIA

Escreve-nos de Lourenço Marques o 1.º-sargento ACM Leonel S. Gomes dizendo que alguns dos tempos registados nos últimos campeonatos de natação inter-armas (Revista n.º 15, de Dezembro de 72) foram piores que os obtidos nos campeonatos disputados em 1962 ou 63 na piscina do Alfeite, e por tal motivo não deveriam ser considerados *records*, casos dos 100 m livres, 200 m bruços e 200 m costas.
Tentámos junto da Direcção da Educação Física da Armada saber quais os resultados técnicos

das competições efectuadas nos referidos anos, mas infelizmente não foi possível obtê-los.
Admitimos que o nosso leitor tenha razão naquilo que afirma, mas é preciso não esquecer que esses tempos foram conseguidos numa piscina de 25 m de comprimento e por isso as marcas aí obtidas não podem, actualmente, ser homologadas como *records*.
Ora, como se sabe, os Campeonatos de Natação Inter-armas foram disputados na piscina olímpica dos Olivais, que tem 50 metros de comprimento, razão pela qual todos os tempos passaram a ser considerados *records* dos campeonatos e alguns novos máximos de Marinha.

P. Caeiro
Cap.-ten.

* CURIOSIDADES



Experiências levadas a cabo recentemente, em França, com um novo tipo de embarcação – o hidróptero – permitem encarar a viabilidade do transporte de carga e passageiros, em distâncias relativamente curtas, à velocidade de 90 quilómetros por hora em mar com vagas até 4 metros de amplitude.

O. Lemos
Cap.-frag.

MONSIEUR DE LA PALISSE

É muito comum ouvir-se referências a La Palisse, mas muitos não sabem quem foi esse «herói» cujo nome atravessou os séculos. A sua memória está cercada de ridículo e nesse sentido é que sobressai a sua personalidade. Sobretudo entre literatos cita-se sempre «Monsieur de La Palisse» ou «verdade de La Palisse» para significar uma afirmação que, embora verdadeira, é de tal forma evidente que se torna ridícula ou ingénua. Entretanto, é muito frequente também, mesmo entre aqueles literatos, um equívoco a esse respeito, atribuindo ao próprio La Palisse a responsabilidade pelo dito risível. Porém, não foi assim. La Palisse nunca disse coisa do género, sobretudo porque o incidente que deu origem à expressão ocorreu quando ele já estava morto. Os seus soldados é que foram os culpados... Jacques de Chabannes (segundo consigna o dicionário «Larousse») foi um capitão francês morto na batalha de Pavia, em 1525. Querendo dizer que, até ao momento da sua morte, ele se batera denodadamente, os seus soldados compuseram uma canção, onde se encontram os seguintes versos: «Um quarto de hora antes da sua morte, ele ainda estava vivo.»
E assim surgiu a «verdade de La Palisse», tantas vezes citada.

(In «Cultura» – Jul./Ago. 1956)

Para ser utilizado no porto de Setúbal, foi adquirido o maior empilhador frontal agora existente em portos portugueses e raro no Mundo. Trata-se do «Hermes-68-CH», uma máquina com potência de elevação de 31 toneladas de carga e que se destina principalmente a movimentar contentores. Para o efeito está equipado com um *spreader* automático que permite empilhar três contentores de 40 pés, dispondo, também, de um outro *spreader* mais pequeno para contentores de 20 pés.

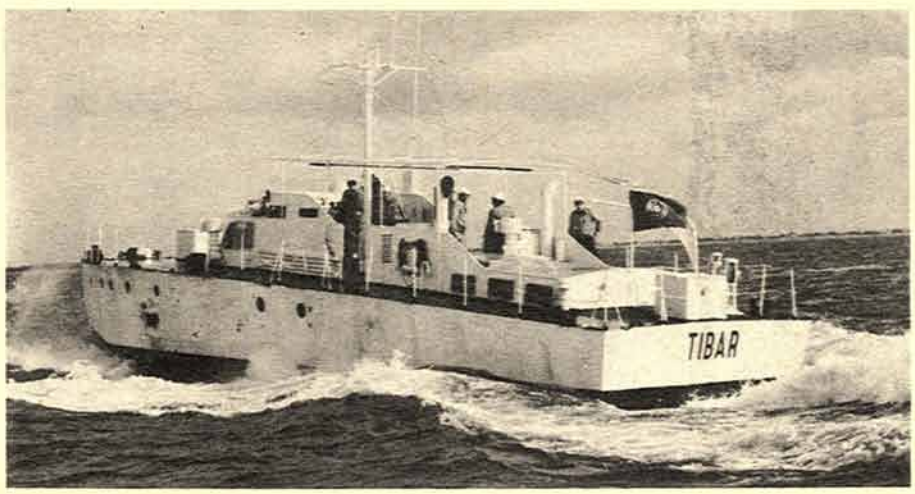
A Lisnave e a Gaslimpo decidiram dar a sua contribuição e estímulo para o estudo dos problemas de conservação da Natureza e defesa do meio ambiente ligados com o desenvolvimento do nosso país. Com este objectivo e como primeira acção é necessário reconhecer com a maior generalidade a situação actual e atrair a esse trabalho o maior número de pessoas interessadas.
Assim, foi instituído um prémio mensal, de dez mil escudos, para artigos e reportagens na imprensa, rádio e televisão que se difundam sobre a matéria até 7-6-73 e, simultaneamente, um concurso de fotografias sobre o mesmo tema.
O júri terá representantes da Comissão Nacional do Ambiente, da Liga para a Protecção da Natureza, da Comissão Nacional da Poluição do Mar e do Sindicato Nacional dos Jornalistas.

(Do «Boletim Analítico da J. N. M. M.» – Dez. 72)

reportagem

ENTREGA DO PRÉMIO DO IV SALÃO INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA DO MAR

O ministro da Marinha procedeu no passado dia 29 de Janeiro, no seu gabinete, à entrega do prémio do IV Salão Internacional de Fotografia do Mar, que foi organizado pela Federação Portuguesa de Actividades Submarinas e integrado nas cerimónias comemorativas do Dia da Marinha de 1972. A concorrente mais classificada deste salão foi a sr.ª D. Maria de Lourdes Matos, que recebeu das mãos daquele membro do Governo uma medalha de ouro e duas de prata pelos trabalhos apresentados a cores sobre papel e a preto e branco, tendo ainda recebido o prémio especial pelo valor do conjunto das obras com que concorreu – o Murex de Ouro. O ministro da Marinha fez também entrega das placas mandadas executar pela Federação com destino aos membros do júri daquele certame, srs. Augusto Cabrita, Fernando Taborda, António Paixão e Fernando Vicente.



UMA LANCHA PARA TIMOR

Vai ser enviada para Timor, a bordo de um navio mercante, a lancha «Tibar», que será entregue à Repartição dos Serviços de Marinha da Província, devendo ali chegar pelos fins do mês de Março.
O nome dado à nova lancha – «Tibar» – é o de uma pequena baía situada a poucos quilómetros de Dili.

O C. N. O. C. A. POSSUI UM NOVO IATE

Por oferta do sr. José Manuel da Silva José de Mello passou à posse do Clube Náutico dos Oficiais e Cadetes da Armada o iate «Arreda IV» que vem trazer aos sócios do clube novas perspectivas no capítulo do desporto da vela, por se tratar de uma unidade com maiores possibilidades.

No dia 7 de Fevereiro o presidente da assembleia geral do C.N.O.C.A., comodoro Barahona Fernandes, e os presidente e vice-presidente da direcção, capitão-tenente Homem de Gouveia e aspirante Saldanha Lopes, procederam à entrega do diploma de sócio honorário do clube ao sr. José Manuel de Mello, a quem transmitiram em nome de todos os sócios os mais vivos agradecimentos por tão generosa doação.

O iate «Arreda IV» foi construído em madeira por Tomaz Knudson Shipbuilding Corp., em Nova Iorque, em 1957 e tem as seguintes características:

Comprimento	*19,90 metros*
Boca	*4,35 metros*
Pontal	*2,74 metros*
Tonelagem	*59 toneladas*
Lotação máxima ..	*30 pessoas*
Motores	*1 motor* diesel *auxiliar de 85 H. P.*

JURAMENTO DE BANDEIRA DOS CADETES DA RESERVA MARÍTIMA

No dia 8 de Fevereiro o ministro da Marinha presidiu no Grupo n.º 2 de Escolas da Armada à cerimónia do juramento de bandeira dos cadetes que terminaram o Curso de Formação de Oficiais da Reserva Marítima.

Assistiram o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos; o superintendente dos Serviços do Pessoal, contra-almirante Soares Branco; o director do Serviço de Instrução, comodoro Rodrigues Alho; o comandante da unidade,

capitão-de-mar-e-guerra Gomes e Trindade, e várias personalidades civis e militares.

Perante as entidades presentes foi feita pelo 1.º-tenente Castanho Paes uma exortação aos cadetes, após o que o ministro da Marinha entregou ao cadete Mário José Antunes Dinis Góis o Prémio Reserva Marítima, galardão atribuído ao aluno mais classificado do curso.

Seguidamente procedeu-se à leitura dos deveres militares e à cerimónia do juramento de bandeira, após o que desfilaram as forças em parada.

VISITA A LISBOA DA STANAVFORLANT

Depois de ter participado nos exercícios aeronavais que constituiram as manobras Sunny Seas 73», estiveram em Lisboa de 9 a 12 de Fevereiro os navios que actualmente compõem a Força Naval Permanente do Atlântico.

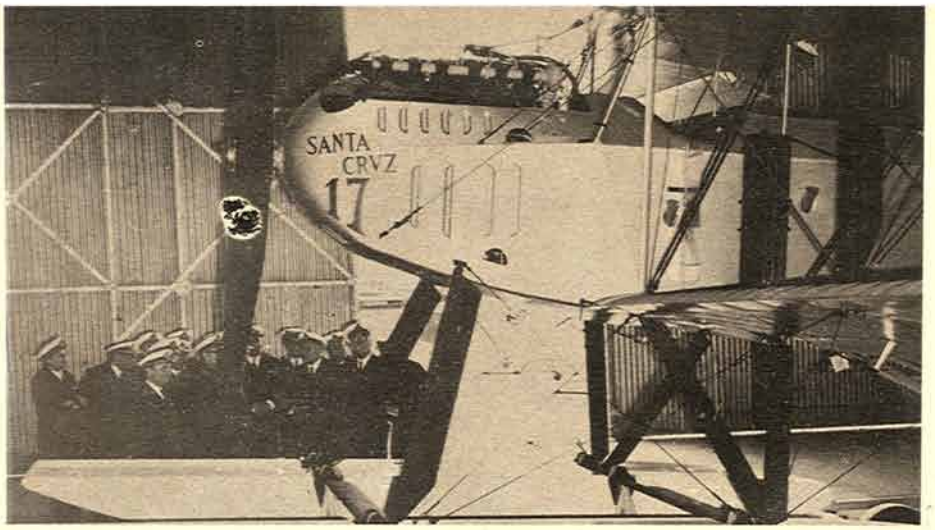
O seu comandante, comodoro Wevers, foi recebido pelo chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, e assinou o livro de cumprimentos ao ministro da Marinha. A bordo da fragata Isaac Sweer» realizou-se no dia 9 de Fevereiro uma conferência de imprensa em que foram prestados aos órgãos da informação esclarecimentos sobre o modo como haviam decorrido aqueles exercícios e apresentadas as conclusões respeitantes aos mesmos.

VISITAS DE ESTUDO DOS OFICIAIS ALUNOS DO CURSO SUPERIOR NAVAL DE GUERRA

No dia 13 de Fevereiro os oficiais que se encontram a frequentar o curso superior naval de guerra efectuaram uma visita de estudo às Oficinas Gerais de Material Aeronáutico e ao Depósito Geral de Material da Força Aérea, em Alverca.

Acompanhados pelo director do Instituto Superior Naval de Guerra, contra-almirante Sequeira Araújo, e por alguns professores, foram recebidos e acompanhados pelo director das Oficinas, brigadeiro Alberto Fernandes, tendo percorrido todas as instalações e dependências onde funcionam aqueles serviços e almoçado na messe de oficiais.

Os oficiais tiveram ocasião de apreciar uma réplica do hidro-avião «Santa Cruz», feita naquelas Oficinas sob a orientação do pioneiro da aviação tenente-coronel Carlos Beja, um perito muito considerado nestes assuntos.



ELAINE SANCEAU NO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA

A conhecida escritora Elaine Sanceau, que todos se habituaram a admirar nos seus romances históricos, esteve no passado dia 21 de Fevereiro no Centro de Estudos de Marinha para proferir uma comunicação a que deu o título «Vida a Bordo de uma Nau da Índia de Quinhentos».

No seu estilo característico, despretencioso e despojado, a célebre escritora dá-nos uma visão do que era a vida a bordo de uma nau durante as penosas, longas e incertas viagens da carreira da Índia. Os problemas humanos que surgiram, todos eles marcados pelo peso da angústia e da tragédia, desafiavam a capacidade de chefia de quem tinha por missão levar as naus a bom termo. A doença, a fome, a sede, a loucura, espreitavam como espectros tenebrosos aqueles que, confinados em espaço tão restrito, traziam os nervos permanentemente à flor da pele. Às brigas, rixas e actos desesperados de uns, contrapunham-se a grandeza de alma, os gestos abnegados e a quase sobre-humana estatura moral de outros. Desde as praias de Belém, donde partiam, até às costas da Índia, onde chegavam «com a graça de Deus», cada nau era uma epopeia.

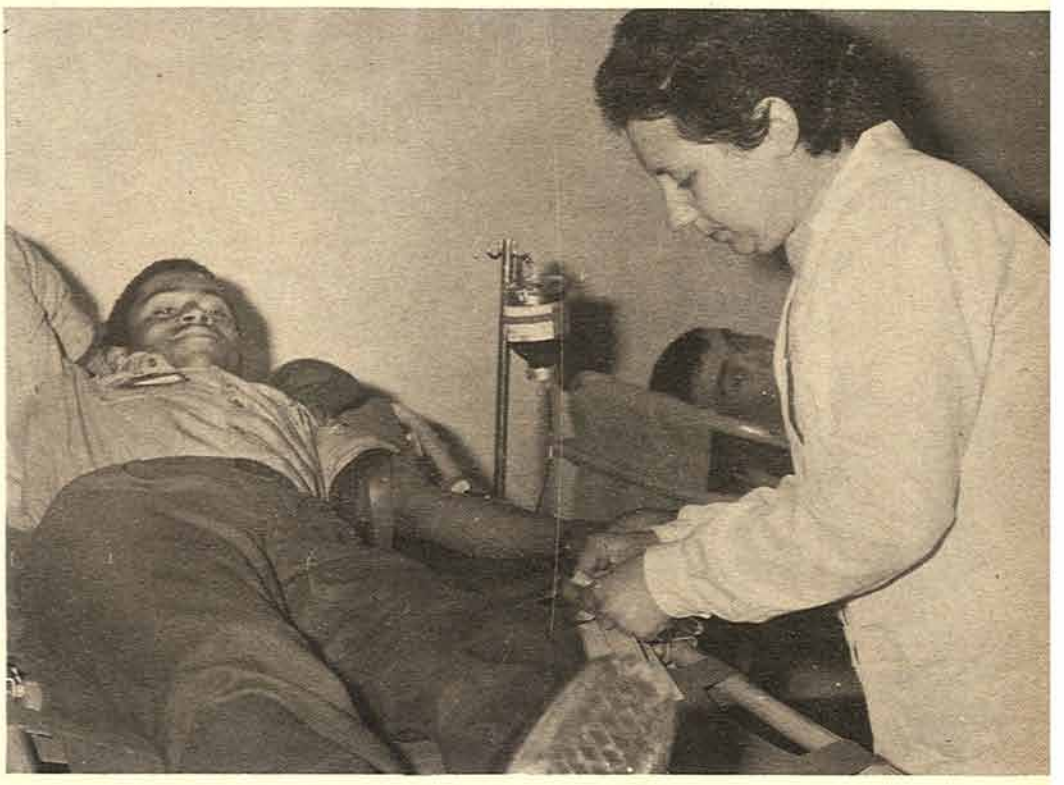
Elaine Sanceau traz-nos para a luz dos nossos dias os episódios quotidianos dessa gesta admirável.

VIRTUDES MILITARES E CIVISMO

No prosseguimento do plano de colheitas de sangue pelo Instituto Nacional de Sangue, repetiu-se a «operação», nos passados dias 27 e 28 de Fevereiro, no Grupo n.º 1 de Escolas da Armada.

De salientar o facto de se tratar de doação benévola, pelo que os dadores têm em vista apenas «fazer bem», e ainda o elevadíssimo número de voluntários: 499

Há razão para que a unidade e a própria Armada se orgulhe dos bons sentimentos do pessoal que a serve.



quarto de folga

ANEDOTAS

Duas amigas conversam:
– Não tenho ciúmes de meu marido. Sei bem que ele é doido por mim.
– Nunca fiando, minha amiga. Olha que os doidos, às vezes, têm momentos lúcidos.

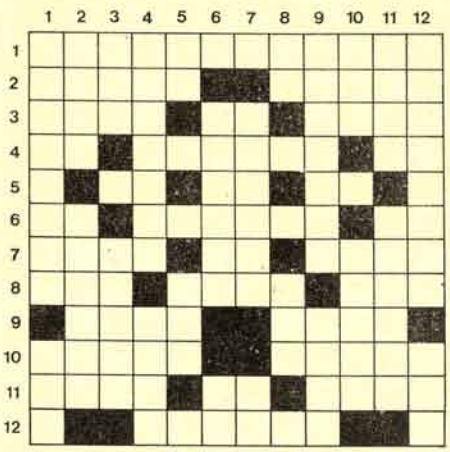
Um cavalheiro entrou num café e sentou-se a uma mesa que estava ocupada por um freguês que lia o jornal.
– O senhor já verificou – disse o recém-chegado –, que está a ler o jornal de pernas para o ar?
– Já sim, senhor – respondeu o outro. – Julga que é fácil?

Um homem vai pela rua fora quando encontra o seu médico.
– Desculpe-me de não lhe apertar a mão, doutor. Mas tenho as minhas muito sujas...
– É verdade. Onde é que você se sujou assim?
– É que fui agora à estação do Rossio despedir-me da minha mulher e da minha sogra, que foram para fora passar as férias...
– E depois?
– Imagine, doutor! Estava tão contente que fui fazer umas festinhas de agradecimento à locomotiva.

Apresentado por M. Oliveira
Gr. L

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo N.º 19)



HORIZONTAIS: 1 – Tirei o torpor. 2 – Jornada; lugares para secar cereais. 3 – Colo; utensílio doméstico (inv.); faísca. 4 – Suf. de profissão; sem pêlo; e o mais. 5 – Preposição simples; pronome pessoal (inv.); letra grega. 6 – Concede; concentrado; pref. de direcção. 7 – Pronome demonstrativo; seguia; líquido da fruta. 8 – Voz do gato; flor (inv.); descobertos. 9 – Apelido; despacha. 10 – Poder; a prazo. 11 – Ligai; nota musical; rilhes. 12 – Prostrado.

VERTICAIS: 1 – Caos; executa. 2 – Espaço celeste; albergues. 3 – Vai; ecoara. 4 – Jornada heróica; mil cento e dois. 5 – Em a; camareira. 6 – Junteis; confiança. 7 – Amo; atmosfera. 8 – Popa; Royal Air Force. 9 – Ditos espirituosos às raparigas; volte. 10 – Época; associação. 11 – Tombe; melindrada. 12 – Sozinhos; motivo.

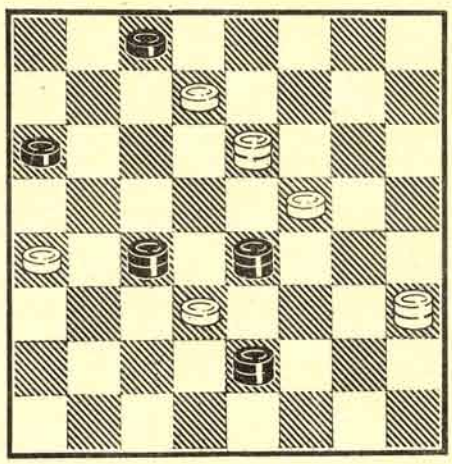
Depois de resolvido encontrará um ditado popular.

Agostinho Fardilha

Solução na pág. 34

Mar. L

DAMAS



As brancas jogam e ganham.

Solução na pág. 34

PROBLEMAS PARA ENTRETER

(Ainda extraídos do «Scientific American» – Abril de 1972)

1.º – Uma brincadeira matemática curiosa é, por exemplo, esta: os nove dígitos (o zero não interessa) distribuem-se em dois grupos – um formado por cinco algarismos e outro por quatro. Para o primeiro grupo far-se-á o arranjo de maneira a formar dois números, um com três e outro com dois algarismos; depois acha-se o seu produto.
Para o segundo grupo far-se-á o arranjo em dois números com dois algarismos cada; acha-se também o produto. Pretendem-se arranjos em que os produtos sejam iguais.

É por exemplo o caso de:

158	79
23	46
3634	3634

Dudeney encontrou um produto maior:

174	96
32	58
5568	5568

Depois, Victor Mealhy melhorou muito este *record*:

584	96
12	73
7008	7008

O *record* permaneceu nesta conta até há um ano, altura em que um japonês encontrou melhor. Embora não esteja provado, parece ser o maior produto possível. Pode o leitor achá-lo sem ajuda do computador?

2.º – Um cartaz humorístico mostra uma esquiadora descendo uma encosta. Atrás dela vêem-se os sulcos paralelos dos esquis que se aproximam de uma árvore, passam um de cada lado e seguem, paralelos, pela neve fora.
Suponha que, na realidade, estava numa estância de desportos de Inverno e se lhe deparava dois sulcos de esquis como os representados no cartaz. Tratando-se, na verdade, de sulcos deixados por esquis poderá indicar, pelo menos, seis explicações possíveis para este facto insólito na aparência?

O M. M. FADISTA

História antiga, do tempo da fragata «D. Fernando II e Glória» a funcionar como Escola de Artilharia Naval, fundeada no Mar da Palha. Quantas gerações de artilheiros por lá passaram!...

Um segundo-tenente, aluno dum curso de especialização em artilharia – hoje almirante e quem me contou a história –, fazia ali serviço de dia alternadamente aos sábados e domingos.
Certo sábado, o velho «Voador» (rebocador ao serviço da Escola) atracava com um telegrama para o marinheiro M. M. Era de alguém de família a anunciar que o avô estava muito mal.
Claro, lá foi o M. M. para terra, com um ar muito triste ver o avô, coitadinho...
No domingo seguinte, outro telegrama para o M. M. Desta vez era a avó que estava mesmo a dar a alma ao Criador, pobrezinha...
O nosso tenente notava que o M. M. andava com azar... E lá foi ele para terra, cada vez mais triste, antes que sucedesse alguma desgraça...
No sábado seguinte mais um telegrama, ainda para o M. M. O avô... tinha falecido...
O nosso tenente deu os sentimentos ao M. M. e lá o deixou ir acompanhar o avô à sua última morada. É triste a vida...

À noite, estava o nosso tenente entretidíssimo a ler e a ouvir a rádio – num aparelho primitivo de bobinas – quando ouviu o locutor anunciar: «E agora, caríssimos ouvintes, vão ter o prazer de ouvir o grande fadista M. M. ...»
Deu um pulo na cadeira. Ai o maroto! Com que então morreu o avôzinho... Deixa que eu te arranjo..

M. M., perfilado e imóvel como uma estátua, ouviu tudo quanto o nosso tenente entendeu que lhe devia dizer. Veio à baila a lealdade devida aos superiores, o respeito à verdade, o interesse do serviço... e, claro o R. D. M. com receita para todos os males.
No fim o M. M. estava acabrunhado, com ar de quem reconhece as suas culpas e tem consciência da justiça do castigo que irá sofrer.
Pediu licença para falar... e falou:
– Senhor tenente, não me desgrace, olhe que são 7$50 que recebo por cada emissão...

M. do Vale
Com.

– Ele é realmente a cara do pai, mas tem um ar inteligente!...

CONCURSO N.º 19

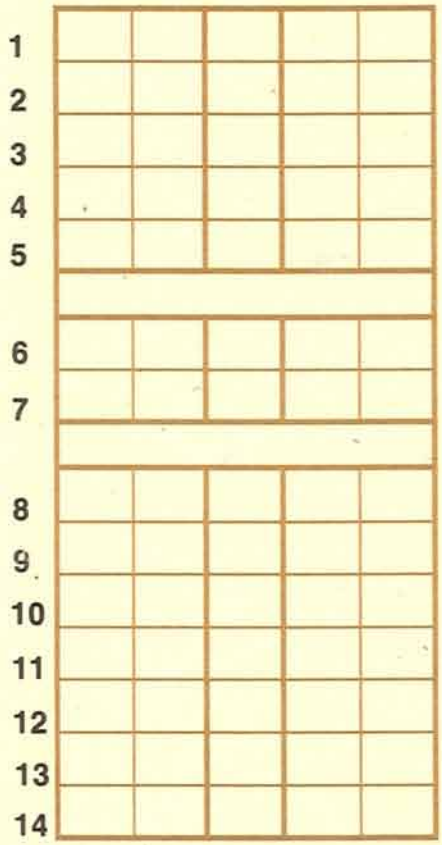
Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

Indique o que representam, na bandeira nacional, os seguintes elementos que a compõem:

1.º – A esfera armilar;
2.º – Os sete castelos;
3.º – As quinas;
4.º – Os cinco pontos brancos dentro de cada quina.

Apresentado por R. Magalhães
2.º-sarg. CM

PILHA DE PALAVRAS



1 – Alimento.
2 – Vate.
3 – Domínio.
4 – Ádito.
5 – Marco.
6 – Rogar.
7 – Vulgo.
8 – Maçãs.
9 – Custo.
10 – Frangainho.
11 – Pijão.
12 – Vesgo.
13 – Cor.
14 – Cevo.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central, o leitor encontrará o nome do primeiro governador de Ceuta.
Este passatempo apresenta a particularidade das palavras se iniciarem pela letra «P».

Basto Carreira
Cap.-m.-g. RF

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Desentorpeci. 2 – Etapa; eiras. 3 – Seio; ap; raio. 4 – Or; pelado; al. 5 – De; it; pi. 6 – Dá; imerso; ad. 7 – Esta; ia; sumo. 8 – Mio; asor; nus. 9 – Lami; avia. 10 – Força; fiada. 11 – Asai; fa; roas. 12 – Inerte.

VERTICAIS: 1 – Desordem; faz. 2 – Éter; asilos. 3 – Sai; toara. 4 – Epopeia; MCII. 5 – Na; aia. 6 – Alieis; fé. 7 – Patrão; ar. 8 – Ré; RAF. 9 – Piropos; vire. 10 – Era; união. 11 – Caia; amuada. 12 – Isolados; aso.

(«A união faz a força».)

DAMAS

1 –	h3 – g4	e4 x g6
2 –	e6 – d5	c4 x e6
3 –	g4 – h5	e2 x c4
4 –	h5 x b3	c8 x e6
5 –	a4 – b5	e ganham...

Há uma variante em que as pretas, no primeiro lance, jogam e4 – c2; quer experimentar como prossegue?

PILHA DE PALAVRAS

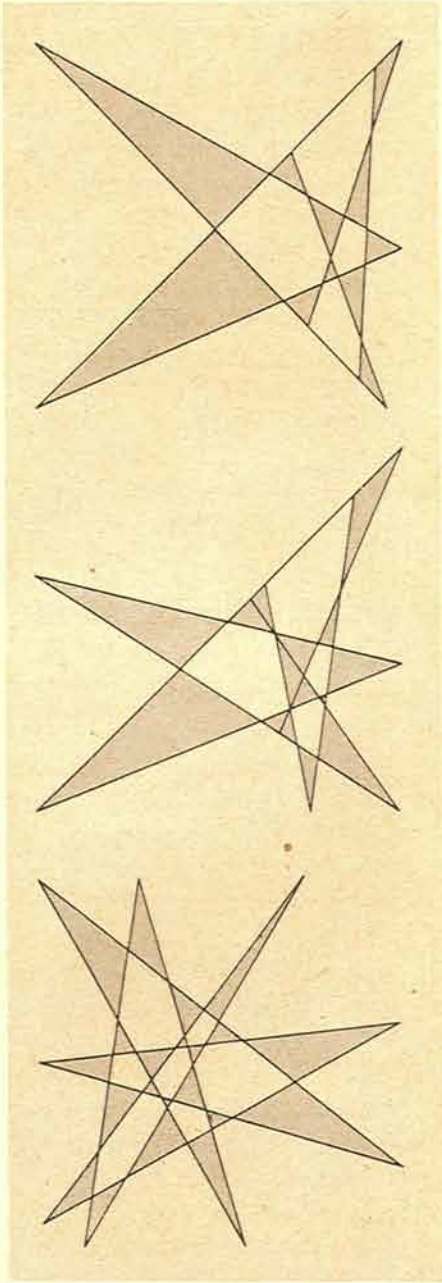
1 – Papas. 2 – Poeta. 3 – Poder. 4 – Porta. 5 – Prova. 6 – Pedir. 7 – Plebe. 8 – Pomos. 9 – Preço. 10 – Pinto. 11 – Piela. 12 – Pisco. 13 – Preto. 14 – Pasto.
(Pedro de Meneses)

PROBLEMAS PARA ENTRETER

(Soluções dos problemas publicados no número anterior)

1.º – O jogo será sempre leal qualquer que seja a moeda que o Manuel escolher. Em qualquer caso a pessoa que parece ter menos possibilidades de ganhar (porque tem só uma moeda), quando ganha, ganha o suficiente para que a expectativa de ganhar seja nula para ambos.

2.º – O número máximo de triângulos para sete, oito e nove segmentos de recta é, respectivamente, de 11, 15 e 21, como mostra a figura.

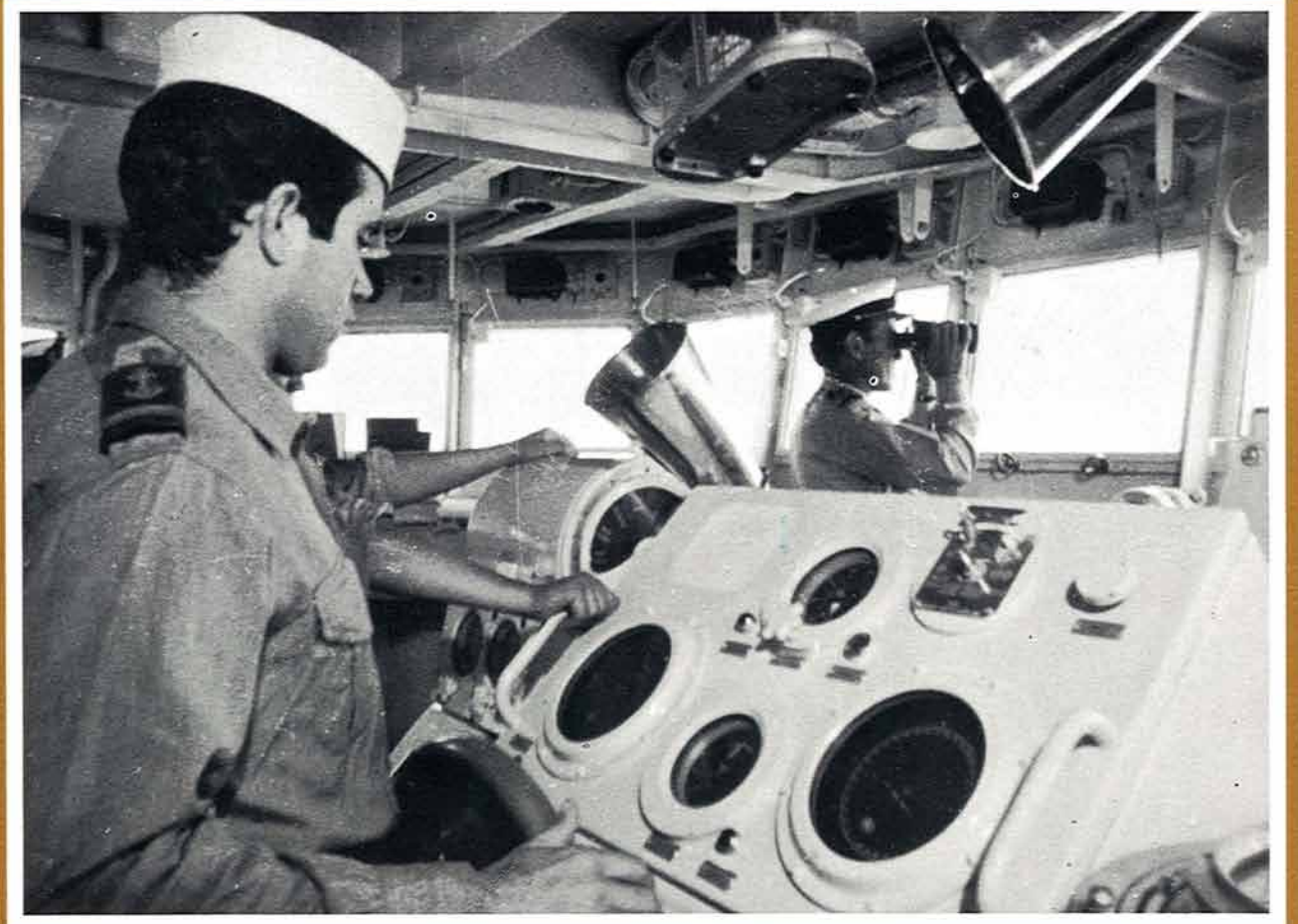


SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 17

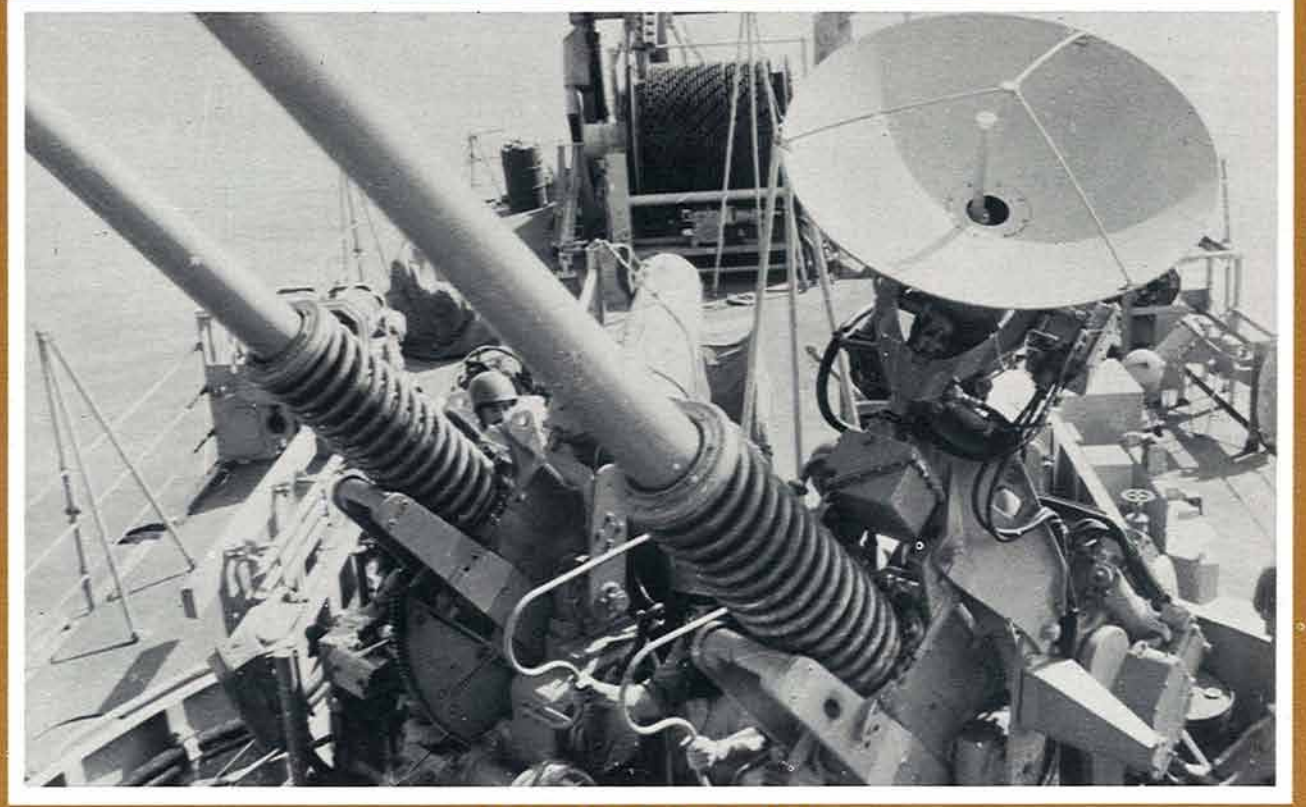
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	■	T	E	U	■	■	O	R	I	O	N
2	S	A	B	E	L	L	A	T	R	I	X
3	■	M	O	N	T	A	N	T	E	R	P
4	R	■	M	D	R	A	G	A	O	A	A
5	O	■	B	A	R	G	O	S	■	T	R
6	V	C	A	S	S	I	O	P	E	I	A
7	L	A	R	C	T	U	R	U	S	G	R
8	A	L	D	E	B	A	R	A	N	A	D
9	M	I	A	L	F	A	N	G	E	S	I
10	E	R	■	A	L	J	E	Z	U	R	H
11	B	A	■	■	P	R	O	C	I	O	N

Nome do provérbio: «Sabe para teu bem.»
VENCEDOR: Não houve nenhuma resposta certa.

A Vida a Bordo dos nossos Navios

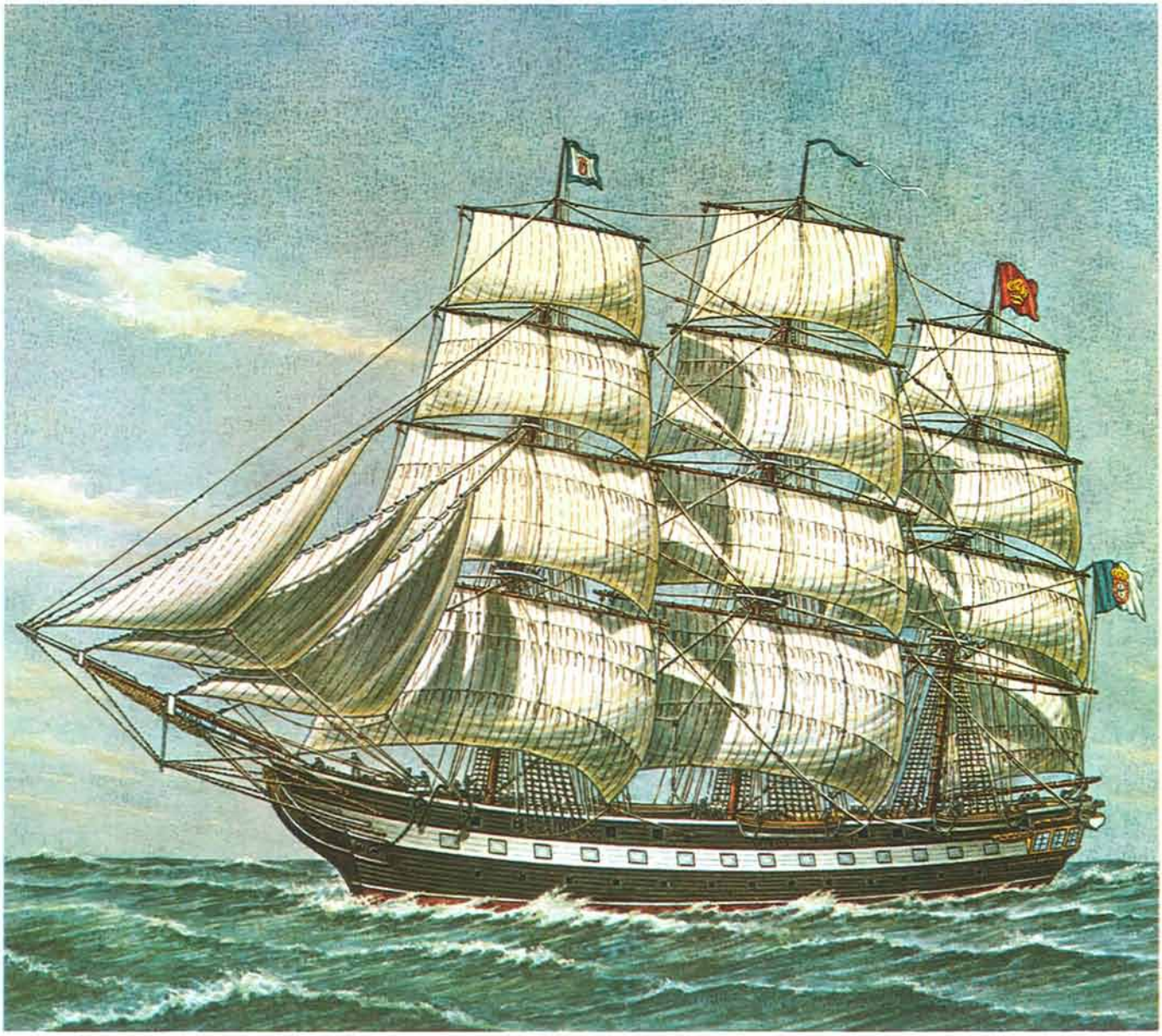


HOMEM DO LEME



ARTILHARIA PRONTA

NAVIOS DA ARMADA



Aguarela de Artur Guimarães

Fragata "D. Fernando II e Glória"

Nasceu na Índia, toda em magnífica teca indiana, nos estaleiros da Ribeira de Damão, em lançamento à água que teve lugar em 1843. Tinha uma bateria de 50 peças, maneira muito comum na época de definir o valor da unidade naval. Em 1845 veio pela primeira vez a Lisboa.

Até 1878, altura em que fez a sua última viagem, pois entrou no Tejo e nunca mais saiu, a «Fragata D. Fernando», nome como passou a ser mais conhecida, desempenhou várias comissões de serviço, de simples rotina, levando e trazendo gentes e mercadorias. No Tejo foi longos anos Escola de Artilharia Naval e Brigada de Artilheiros. Quando em 1963 foi destruída por um incêndio, perdeu-se o último navio da Armada da gloriosa época da vela. O tempo já a tinha tornado relíquia. Os «Rapazes da Fragata» também perderam o seu acolhedor asilo, última metamorfose do destino da «Fragata D. Fernando», em que se transformou, quando a Brigada de Artilheiros foi para terra e na margem sul, e se organizou a Obra Social da «Fragata D. Fernando», para asilo de rapazes órfãos e desvalidos da sorte. A sua bela carranca foi cuidadosamente salva do incêndio e hoje figura entre as relíquias do Museu de Marinha.